

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Estudante-A atleta: caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar.

Daniel Machado da Conceição

Florianópolis/SC

Maio/2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Da Conceição, Daniel Machado

Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar / Daniel Machado Da Conceição; orientadora, Miriam Pillar Grossi; coorientador, Jaison José Bassani. - Florianópolis, SC, 2014. 82 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Escolarização. 3. Formação. 4. Futebol. 5. Projeto. I. Grossi, Miriam Pillar. II. Bassani, Jaison José. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.

Daniel Machado da Conceição

Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota Dez, como requisito final para obtenção do título de Bacharel no curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Miriam Pillar Grossi, Dra.

Co-Orientador: Jaison José Bassani, Dr.

Membro: Profa. Antonella Tassinari, Dra.

Florianópolis/SC

Maio/2014

Sumário

I. Introdução: a peneira	15
Capítulo 1 - Treinamento técnico: o pesquisador e a pesquisa	18
1.1 Treinamento tático: a entrada no campo de pesquisa.....	- 20
Capítulo 2 – Concentração: futebol um fenômeno social	25
2.1. Esporte e jogo.....	26
2.2. Por que futebol?.....	29
2.3. O Alambrado.....	31
Capítulo 3 – Aquecimento: o mercado do futebol	37
3.1 - Preleção antes do jogo: estudos sobre o tema.....	40
Capítulo 4 - A entrada em campo	45
4.1 - A hora do jogo: a descrição do campo.....	47
4.2 - A coletiva: os entrevistados.....	48
4.3 - O apito inicial: a interpretação dos dados	52
4.4 - As jogadas ensaiadas: relatos do diário de campo	63
Capítulo 5 - Debate pós-jogo: conclusão	76
Referência Bibliográfica	78
Anexos	81

Resumo: O presente trabalho dá sequência ao projeto de estudo mais amplo com jovens atletas realizado pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC/UFRJ) em conjunto com pesquisadores do Núcleo de Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). A temática abordada visa ampliar os dados sobre formação esportiva e escolarização de jovens atletas de futebol em um clube de Santa Catarina. O sonho da profissionalização no futebol se objetiva em um projeto familiar, envolvendo meninos que dedicam grande parte de sua juventude na superação de “dois alambrados”, o das categorias de base e o do profissionalismo. O primeiro simboliza a entrada no **Esporte Futebol**, pois um alambrado separa os jovens do gostar de **brincar de bola** e do **jogar bola**. A entrada na categoria de base de um clube de futebol profissional dá início ao treinamento rotineiro objetivando o alto rendimento. Este fato em muitos casos determina separação familiar, distanciamento da escola e um ascetismo esportivo. O segundo alambrado significa a realização do sonho, com a passagem da base para o grupo profissional. A busca pelo esporte como profissão passa pelo desejo de ascensão e mobilidade social e a alta demanda de jovens que querem ingressar nesta carreira mostra que os interesses são construídos culturalmente e todo esforço é voltado para oportunidades não muito concretas, em um mercado de trabalho bastante restrito. Com base nesse cenário, o primeiro questionamento que instiga o trabalho é entender o porquê da escolha pelo futebol? Em seguida, como é pertencer a uma categoria de base no futebol? E, conseqüentemente, perceber como o interesse pela escola se dilui durante a formação esportiva? O campo de pesquisa selecionado foi a categoria de base do Avaí Futebol Clube da cidade de Florianópolis/SC. O recorte etário analisado foram as categorias sub-15 e sub-17. A Escola Estadual Básica Ildelfonso Linhares também foi observada, pois atende 60 jovens atletas do clube, matriculados no Ensino Fundamental e Médio. As observações foram realizadas durante o ano de 2013, com várias visitas ao clube para assistir aos treinamentos, conversar com profissionais, realizar entrevistas, andar pelas dependências, sentando em locais de circulação, ouvindo conversas e observando inscrições corporais. Para melhor captar o pensamento dos personagens, foram realizadas entrevistas com o Psicólogo, a Assistente Social, o Supervisor das Categorias de Base e quatro atletas entre 16 e 17 anos. Estes atores são fontes de informações preciosas para entender a atmosfera do futebol no clube e os desafios pertinentes à formação. A maneira pensada para argumentar sobre as três perguntas que instigam o trabalho foi dividi-lo em cinco partes. A primeira indica a metodologia utilizada e a inserção do pesquisador no campo. A segunda parte tem o tema relacionando com a singularidade da modalidade no país e sua representação que atrai o interesse de inúmeros jovens. Nesta parte, as categorias que norteiam o trabalho são expostas como o **Jogo Futebol** e o **Esporte Futebol**, assim como a descrição do significado do **alambrado** e de como essa categoria passa a ser representativa na trajetória dos jovens atletas. A terceira parte trata do estudo da arte e sua contribuição para análise e interpretação do campo. Na quarta parte, é feita a descrição das observações realizadas, corroborando com as entrevistas. A última parte traz as conclusões finais esboçando as apreensões sobre o tema.

Palavras-Chave: Categoria de base. Escolarização. Formação. Futebol. Treinamento.

Abstract: This paper is a sequence of a more wide study project with young athletes made by the “Researches about Body’s Education Laboratory” (LABEC/UFRJ) with researchers of Educational Research Center and Contemporary Society (NEPESC/ UFSC). The theme aims to expand the data about the sport formation and young soccer athletes schooling in Santa Catarina’s club. The dream of being a professional soccer player which objective is a familiar project, involving boys that dedicate a great part of their youth overcoming “two fences”, one of the basic category and the other is professionalism. The first one symbolizes the entrance in the soccer, because a fence divides the youth from liking to play to actually playing ball. The entrance to the basic category of a professional soccer club gives the initiation to a training itinerary aiming the high productivity. This fact, in many cases determines separation from the family, detachment from school and sports asceticism. The second fence means the realization of a dream, passing from basic to a professional group. The search for sport as a profession goes through the desire of ascension and social mobility and high demand of youth that wants to join this career shows that the interests are built culturally and all the effort is directed to opportunities not really factual, in a very restrict labor market. Based on this scenario, the first question that instigates this paper is to understand why choosing soccer? Next, how is like to be part of a basic category at soccer? Consequently, noticing how does the interest for school dilutes during the sports training. The selected research field was Avai’s basic category soccer club of Florianópolis/ SC. The age cut analyzed were under15 and under17. The “Escola Estadual Básica Ildefonso Linhares” school was also observed, because it attends 60 young athletes from the club, enrolled at the basic education and secondary school. The observations were performed during the year of 2013, with many visits to the club to watch the trainings, talking to professionals, making interviews, walking through the dependencies, seating in circulation places listening to conversations and observing the registrations. To better capture the character’s thought it were carried out an interview with a Psychologist, a Social Assistant, the basic category supervisor and four athletes between 16 and 17 years old. These actors are source of precious information to understand the soccer’s atmosphere at the club and the challenges relevant to the formation. The way of thinking as an argument about the three questions that instigate the paper that were divided in five parts. The first indicates the methodology used in an insertion of the researchers in the field. The second part has the theme related with a singular modality in the country and the representation that attracts the interest of a great amount of young people. In this part, the categories that guide the paper are exposed as a Soccer Club and the Soccer as a sport, so as a description of the meaning of the fence and how this category becomes representative in the young athletes trajectory. The third part talks about the study of the art and its contribution for analyzes and interpretation of the field. In the fourth part it brings final conclusions sketching the seizures about the theme.

Key words: Basic category. Schooling. Formation. Soccer. Training.

Agradecimentos:

Agradeço aos colegas e professores que foram pacientes comigo durante minha formação em Ciências Sociais. Muitas vezes o sentimento de desânimo abateu quando, nas discussões em sala de aula, meu raso conhecimento de Ciências Sociais, assim como outras implicações de minha socialização primária, me impediam de participar ativamente como outros colegas que lançavam muitos argumentos sobre os temas discutidos. Quero deixar registrado a importância de um colega monitor na primeira fase, Lucas Ferreira, que, ao ler minhas primeiras linhas escritas, sempre manteve uma postura de retornar com comentários sugestivos sobre o que tinha sido desenvolvido. Aprendi muito com essa primeira avaliação e a tomei como prática. Essa atitude permeou minha graduação com uma postura disposta a aprender, buscando sempre alguém que repetisse tal ação.

Agradeço a PRAE, através da bolsa permanência, pela oportunidade de ser bolsista em projetos vinculados à graduação, que proporcionaram, junto à Coordenação de Ciências Sociais, a participação no projeto de divulgação do curso em escolas de Ensino Médio; e no Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas a participação na pesquisa As bases sociais e atitudinais da participação política no Brasil. Agradeço ao CNPq pelo auxílio financeiro como bolsista de Iniciação Científica que possibilitou a realização deste trabalho no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.

Faço um agradecimento especial à Professora Dra. Miriam Pillar Grossi que acreditou em meu trabalho, mais do que isso, na capacidade e esforço de aprender. Em meu TCL e TCC, a professora abriu mão de sua linha de pesquisa em que é reconhecida nos trabalhos de gênero. Aceitou orientar um trabalho que nem margeava pelos temas que seriam então de maior relevância ao NIGS. Por isso, sou-lhe muito grato pelos exemplos, cobranças e orientações.

Agradeço imensamente ao Professor Dr. Alexandre Fernandez Vaz que aceitou meu ingresso no NEPESC desde minha segunda fase na graduação. Muitos ensinamentos me foram transmitidos e os maiores estão no exemplo e na postura profissional de não desconsiderar aquilo que produzi. As indicações e conselhos sempre foram úteis e ainda estão guardados. Saiba, professor, que estou muito feliz e contente com a oportunidade que tenho de continuar as pesquisas e contato com o núcleo, estando agora aos cuidados da orientação do Professor Dr. Jaison José Bassani no Programa de Pós-Graduação em Educação.

O que dizer então de minha família! Primeiro onde minha socialização primária aconteceu. Meu pai hoje falecido, sempre disse “seja melhor que eu”. Para alguém com 4^a ano fundamental, quando terminei o primeiro grau, já parecia ser melhor que ele, mas seu exemplo de trabalho, dedicação e bom relacionamento interpessoal ficaram marcados. E quem sabe algum dia possa realmente ser melhor que ele. Sobre minha mãe, sei que deve estar felicíssima, pois sempre se

esforçou para que entendêssemos a importância dos estudos. E hoje digo que as madrugadas que me tirou da cama para estudar valeram a pena.

Agora agradeço a minha família atual, pois lá se vão cinco anos limitando seus passeios, presentes e festas, pois nossa meta era a conclusão da formação acadêmica. Obrigado, Marilene, por seu empenho, sacrifício e esperança de algo melhor. Você foi quem aceitou compassivamente que as aflições seriam só por um momento. Agradeço as minhas filhas Joanna e Iasmin pelo apoio e compreensão. Saibam que vocês são o motivo por não desistir. A meu filho, recém-nascido, quem não vivenciou os últimos cinco anos, mas agora simboliza os próximos dois, sendo a força para continuar o aperfeiçoamento.

Agradeço a meu Pai Celestial, por esta crença ser a ancora de consolo e força, além dos valores presentes em uma ascese de “ética protestante” que durante minha trajetória proporcionou disciplina e regramento para conclusão dos objetivos.

Obrigado a todos os que, de alguma forma ou outra, foram participantes dessa jornada e que, devido à limitação das linhas, não posso externar a cada um meu apreço.

*Tá no sangue do brasileiro.
Uma paixão que dura o ano inteiro.
Todo mundo aqui é técnico, atacante, volante, zagueiro.
Pra gente é muito mais que um jogo, sim senhor.
Bem lá no fundo é uma história de amor.
Com muito orgulho eu sou o 12º jogador.
Na barreira.
No meio-de-campo.
Na grande área.
Ou lá no banco.
O meu negócio é gritar goool!
O meu negócio é gritar goool!*

(Música: 12º jogador, Jair Oliveira)

1 Introdução: A peneira

Pensar atualmente nos jovens que estão se esforçando por um sonho no futebol faz lembrar minha infância, quando comecei a praticar o esporte na escola. Segui os passos que geralmente são percorridos por vários jovens, primeiro na escola e em seguida em um clube de futebol para exercícios mais regulares. No meu caso, isso aconteceu no Esporte Clube Pelotas, onde encontrei o treinador Alcione, muito reconhecido na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, por impulsionar talentos. A estada no E. C. Pelotas não durou muito tempo, pois o técnico saiu e foi atuar no Paulista Futebol Clube, um clube tradicional de futsal e com ele alguns atletas foram convidados a integrar a nova equipe. Entre eles, há também um menino sem habilidades, mas muito esforçado e com desejo de aprender. Por vários motivos e talvez o principal deles a falta de incentivo familiar, não tenha dado sequência à carreira futebolística no Paulista. Não desistindo de jogar, fui inscrito no SESI, onde podia passar as tardes com atividades no contraturno escolar, participando da escolinha de futsal. Nesse período, uma falta violenta foi o estopim para problemas no joelho que pouco a pouco me afastam das atividades esportivas, que na atualidade se reduzem a caminhadas. Durante minha juventude, continuei a praticar outras modalidades esportivas, como vôlei, basquete, como integrante da equipe do CAVG (Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça) – uma equipe eufórica, como as transmissões da NBA em TV aberta na década de 1990 – e o futebol de várzea, que sempre recebeu atenção, embora as dores no joelho persistissem e aumentassem.

Os sonhos daquela época nunca foram concretizados quanto à carreira de jogador, mas o clubismo canalizava uma espécie de investidora que viabilizava o ‘estar’ e ‘ser’ ‘esse’ ou ‘aquele’ jogador. Os trejeitos, a **marra**¹, a **tela**², o falar, o olhar, o tocar na bola etc. fizeram com que o futebol, ao mesmo tempo como uma prática divertida, também ganhasse os contornos de espetáculo produzido para multidões de aficionados. Que fascinante jogar sem ter hora para acabar e ao mesmo tempo jogar como se a qualquer momento os pais/responsáveis pudessem chamar para jantar. Em minha infância, o futebol já nos era dado como uma “possibilidade de futuro”, como uma carreira desejável, mas a escola sempre foi mais exaltada pela família como um projeto desejável. Não recordo se, dos vários meninos com quem jogávamos, algum deles virou jogador. O futebol já era uma carreira difícil, de muito ardor e de bons relacionamentos, poucos conquistaram e, ao que parece, poucos continuam conquistando tal carreira. Agora podemos pensar se há diferença na atualidade. No que posso argumentar de imediato, é que hoje quase todo mundo conhece algum jovem que se insere na carreira de jogador. Facilmente eles são destacados no meio da multidão, seja por suas roupas, seja por seus cabelos, seja pela inscrição corporal.

¹ “Marra” é um termo utilizado para marcar atitudes de atleta, muito semelhante a malandragem.

² “Tela” é um termo utilizado para descrever a aparência de jogador.

Essa superexposição atual dos atletas em formação no futebol parece ser contraditória com o fato de que, nos centros urbanos, houve uma redução dos espaços para práticas ao ar livre de determinadas modalidades. Mas eles estão aí! Marcados na escola, no shopping e nas baladas. A exposição destas figuras invade os espaços públicos onde o status adquirido pela prática esportiva do futebol traz consigo uma gama de representações e imaginários que os tornam já ídolos mesmo ainda não sendo. O potencial previsto está na esperança posta sobre o **prata da casa**, os jovens atletas carregam em si as esperanças constantes de um futuro êxito do clube local nas variadas competições. Os jovens são tratados como heróis em potencial, com um futuro bem sucedido. A previsão desse sucesso no futuro, não impede que no presente já recebam privilégios. O “futuro” pode envolver 10 anos de treinamento e aperfeiçoamento de técnica por meio de extenuantes treinamentos. Pode também significar contratos pomposos para jovens de 16 a 20 anos com salários em patamares muito acima de profissionais graduados, representando um grande diferencial se comparados aos soldos de seus pais e responsáveis.

O universo do futebol parece seduzir e alimentar sonhos pessoais e familiares de jovens e adultos especialistas³. Sonhos pautados no corpo e no uso do mesmo, a partir das habilidades físicas com as quais se espera então superar os obstáculos culturais almejando ascensão e mobilidade social. Este trabalho está centrado neste momento na formação dos futuros jogadores de futebol: em ações e atitudes como jovens atletas que incorporam um *ethos* futebolístico. Para atingir este objetivo escolhi compreender o universo de formação destes jovens, a partir do ângulo da escola onde eles estudam.

Em pesquisa anterior (DA CONCEIÇÃO, 2013), me pautei em uma abordagem que buscava entender a concomitância da formação entre o campo futebolístico e o campo escolar. O olhar procurava privilegiar a escola que recebe o atleta como seu estudante. Pontos interessantes foram visualizados e se abriram questionamentos que se traduzem neste TCC. Aqui, avanço um pouco mais para entender melhor o universo de formação dos atletas no esporte e que reflete na sua relação com o espaço escolar. Na busca por melhor entender a trajetória de formação e seu impacto na vida escolar, o primeiro questionamento que instiga o trabalho atual é entender o porque da escolha pelo futebol. Em seguida, entender como se sentem pertencendo a uma categoria de base no futebol. E, por fim, busco perceber como o interesse pela escola se dilui durante a formação esportiva.

Procurando responder a estas questões, realizei **participação observante** (GUBER, 2001) no ambiente do clube e da escola onde os atletas estão matriculados. O usufruir de parte da rotina

³ O termo especialista é utilizado para designar, no processo de esportivização, a criação de um público apto a apreciar a modalidade esportiva. Também pode designar ex-profissionais que como parte de sua reconversão profissional atuam em carreiras de comentaristas ou treinadores.

desses atletas possibilitou compreender como os jovens se relacionam entre si, como percebem a carreira, a fase de formação, sua relação com o clube e com a escola. Para melhor captar o ethos do campo estudado foram realizadas entrevistas com o Psicólogo, a Assistente Social, o Supervisor das Categorias de Base e quatro atletas da categoria sub-17 do Avaí Futebol Clube, clube de Florianópolis, Santa Catarina. Estes atores sociais são fontes de informações preciosas para entender a atmosfera do futebol no clube e os desafios pertinentes à formação.

A maneira pensada para argumentar sobre as três perguntas que instigam o trabalho foi dividi-lo em cinco partes.:

- a) A primeira indica a metodologia utilizada e a inserção do pesquisador no campo;
- b) A segunda parte tem o tema relacionando com a singularidade da modalidade do futebol de base no país e sua representação que atrai o interesse de inúmeros jovens. Nesta parte as categorias que norteiam o trabalho são expostas como o **Jogo Futebol** e o **Esporte Futebol**, assim como a descrição do significado do **alambrado** e de como essa categoria passa a ser representativa na trajetória dos jovens atletas;
- c) A terceira parte trata do estado da arte e sua contribuição para análise e interpretação do campo. Os estudos versam sobre questionamentos da situação do estudante-atleta que se mostra muito semelhante à do estudante-trabalhador amparado por legislação específica;
- d) Na quarta parte é feita a descrição das observações realizadas, corroborando com as entrevistas. Neste momento, as relações que o estudante-atleta constrói com o espaço do clube e da escola são apresentados;
- e) A última parte traz as conclusões finais, esboçando as apreensões sobre o tema.

Capítulo 1 - Treinamento técnico: o pesquisador e a pesquisa

Durante a graduação, uma preocupação inicial foi procurar um tema de estudo que possibilitasse leituras por fruição, as quais seriam uma estratégia pessoal para avançar em abordagem e análise do que era apresentado nas diversas disciplinas. Identifiquei assim o esporte como fenômeno social, tema em pleno desenvolvimento nas Ciências Sociais, que dizia também respeito à minha trajetória pessoal, como relatei na Introdução. O primeiro texto que encontrei buscando na internet falava sobre a sociologia do esporte na Alemanha⁴. Um texto traduzido por Alexandre Fernandez Vaz, professor pertencente aos quadros da UFSC.

Embora versando sobre Sociologia, o professor e o núcleo de pesquisa se encontravam no Departamento de Educação. Procurei mais informações, e algumas trocas de correio eletrônico me inseriram no Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC)⁵, no grupo de estudos Esporte e Sociedade. Naquele momento, mesmo com poucos conhecimentos e pouco capital cultural, que são exigências da graduação em Ciências Sociais, eu tinha uma quadra (canha) para prática fora do campo de treinamento. O convívio com um grupo interdisciplinar fez minha estada ser mais bem aproveitada, pois as relações de troca de conhecimento com graduandos e alunos da pós-graduação facilitava o aprendizado de técnicas, de táticas e de *performance* que na academia lhe são caras.

O convívio no núcleo foi ampliado quando passo a integrá-lo como bolsista de iniciação científica (CNPq), dando sequência ao projeto de estudo realizado pelo Professor Dr. Antônio Jorge G. Soares, líder no Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC/UFRJ)⁶. A temática do projeto visava ampliar os dados sobre formação esportiva e escolarização de jovens atletas. Nossa contribuição seria realizar um mapa da situação catarinense nas modalidades do futebol de campo, futsal, vôlei e turfe.

A entrada neste núcleo me trouxe o aprendizado do caráter investigativo, das reuniões de planejamento, de organização, assim como as leituras direcionadas e a ida a campo. O primeiro contato com o campo aconteceu no Avaí Futebol Clube, para aplicação de questionário junto aos jovens atletas das categorias de base, em meados de 2011. Duas coisas aconteceram nesse momento: a primeira diz respeito à maior integração com professores e colegas sobre o fazer pesquisa; a segunda mostra minha identificação com o campo e a lembrança de quase dois anos como Agente de Pesquisa no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que me faz encontrar minha real posição na configuração do jogo.

⁴ PILZ, Gunter A. Sociologia do esporte na Alemanha. Tradução do original em alemão e as notas de rodapé são de Alexandre Fernandez Vaz (1998).

⁵ <http://nucleodeestudosepesquisas.blogspot.com.br/>

⁶ <http://labec-ufrj.blogspot.com.br/>

A prática de observador rendia apontamentos que enriqueciam o “estar no campo”. Mais do que responder perguntas, surgiam outras e outras que instigavam meu interesse. Muitas arestas ainda precisavam ser mais bem tratadas, ou melhor, meu “condicionamento físico” merecia ser ampliado para conseguir correr um jogo todo, ter mais fôlego para pesquisa. Para isso, novas leituras, outros contatos, participações e o exercício da escrita significaram um árduo “treinamento”. Atingir a plenitude dos fundamentos ainda não foi possível, e por isso continuo em formação. No entanto, reconhecer que não sou o mais habilidoso, nem sou o mais veloz, nem o de maior força ou o líder, características que muitas vezes definem a posição de um atleta na equipe, ajudaram a encontrar minha qualidade para pertencer ao grupo. Portanto, a atitude de jogar para o time, ter a disciplina tática necessária para somar e não dividir, fez com que prosseguisse no aprendizado. Talvez, como um volante “trombador” que mata as jogadas, mas ainda assim está no meio do campo com uma visão privilegiada da defesa e do ataque, fazendo a ligação entre ambos.

O contato com a pesquisa e o campo de estudos se mostrou profícuo para novos questionamentos. As leituras sobre a formação esportiva traziam sempre um olhar sobre o atleta, o clube de futebol, a família e os empresários. A relação com a escola era apresentada como notória devido à concomitância das atividades (banco do vestiário e banco da escola). Começava então a instigar a percepção dos personagens no cenário da escola em relação aos meninos atletas. Como os profissionais de educação acolhiam os jogadores? Como era a relação professor–aluno e professor–atleta? Que práticas de flexibilização⁷ seriam comuns? Em meu entendimento, uma oportunidade de analisar a partir da escola as relações construídas com esses atletas passava a ser um recorte interessante. Assim, começo a dar os primeiros “chutes” para problematizar desejando uma maior compreensão da figura do atleta e estudante.

Uma primeira incursão com essa nova perspectiva foi realizada durante o primeiro semestre de 2013 para a realização do trabalho de conclusão de licenciatura – TCL (Da Conceição, 2013) que, devido a sua brevidade, resultou em mais perguntas do que respostas. Agora, para o trabalho de conclusão de curso, a pesquisa ganha novos contornos. O objeto de investigação permanece sendo os jovens como atletas e estudantes, e o objetivo principal é entender a escola como pano de fundo, para descrever a maneira que o campo de possibilidades (VELHO, 1999), construído por meio da formação esportiva, dilui o interesse pela escolarização, além de apresentar um tema que acredito relevante, articulando reflexão sobre escola e mundo futebolístico.

⁷ Flexibilização é uma expressão que caracteriza ações que a escola tem com os atletas devido a seus vários compromissos. Entre eles estão: saída e chegada fora do horário, remarcação de provas, trabalhos e avaliações e validação de atestados de falta.

O futebol aparece como modalidade escolhida por sua maior abrangência e facilidade de seleção do clube profissional que se enquadra como entidade de prática formadora de atletas, reconhecido por sua atuação conforme exigências da Lei Pelé⁸.

Por fim, este TCC tem como objetivo consolidar cinco anos de escolhas feitas durante a graduação que transformaram a experiência de um estudante em um pesquisador.

1.1 - Treinamento tático: a entrada no campo de pesquisa

O campo de pesquisa selecionado foi a categoria de base do Avaí Futebol Clube, na cidade de Florianópolis/SC. Atualmente o clube forma aproximadamente 200 jovens divididos em várias categorias que são classificadas por idade. O recorte etário analisado compreende as categorias sub-15 e sub-17⁹, ou seja, jovens de 14 a 17 anos. A Escola Estadual Básica Ildefonso Linhares também foi observada, pois atende 60 jovens atletas do clube, matriculados no Ensino Fundamental e Médio. A localização da escola é de relativa proximidade com o clube e seu alojamento. Ambas as instituições realizam uma parceria datada desde 2004, para acolhimento dos jovens no quesito escolarização (DA CONCEIÇÃO, 2013).

O Avaí Futebol Clube, fundado em 1923, está localizado no bairro Carianos, em Florianópolis, nas imediações do aeroporto da cidade. Possui uma estrutura profissional de clube participante do Campeonato Estadual da Primeira Divisão e atualmente do Campeonato Brasileiro da Série B. O estádio do clube é próprio com capacidade para aproximadamente 18.000 pessoas. Conta com três campos de treinamento ao lado do estádio, onde as categorias de base realizam seus treinamentos junto com a equipe principal. Seu quadro de funcionários está dividido entre administração, secretaria do clube e departamento de futebol. O clube desenvolve atividades formadoras no futebol de campo, futsal e também no ciclismo. A equipe principal de futebol conta com todo um quadro técnico que dá suporte aos atletas profissionais, isto quer dizer, com roupeiro, massagista, médico, preparador físico, técnico e outros auxiliares formam o conjunto de uma equipe profissional. A importância que goza a categoria de base fica demonstrada na manutenção da

⁸ Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Acesso em: 14 fev 2013.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm

⁹ Importante ressaltar que, embora a categoria sub-15 seja formada por jovens de 14 e 15 anos, e a categoria sub-17 com jovens de 16 e 17 anos, não significa que o grupo esteja limitado pela idade. Elementos físicos e de características técnicas podem permitir a participação de jovens com idades inferiores treinar com os mais velhos. Isso é entendido como valorização do potencial e da capacidade do atleta, já o movimento contrário, alguém com idade superior treinar com menores mostra um descompasso com a formação e significa desvalorização para o jovem atleta. Esta situação acontece com maior frequência com atletas já profissionais que voltam de recuperação física e são colocados com os mais jovens para ganhar ritmo e para avaliação de seu condicionamento físico. Nesse caso, a desvalorização não acontece para o jogador profissional, e para os jovens é tido como um privilégio treinar com um profissional.

mesma estrutura visualizada nas equipes sub-15, sub-17 e sub-20. Cada uma dessas categorias possui em média 36 jovens atletas de 14 a 20 anos de idade separados por faixa etária. Os atletas são naturais de diversas cidades e estados brasileiros, poucos são catarinenses. Para manter os jovens em Florianópolis/SC, o clube dispõe de alojamento dentro do seu estádio e aluga casas ou apartamentos para atender aos atletas. Como entidade formadora, disponibiliza refeitório com café da manhã, almoço e jantar, atendimento médico odontológico e psicossocial, matrícula garantida em escola pública da região, todo aparato técnico para o esporte de alto rendimento e, para alguns, bolsas financeiras não muito altas, mas que garantem um vínculo com o clube.

O Avaí FC, no que compete às categorias de base, tem conseguido resultados expressivos, como a conquista nas competições estaduais e boa participação nas nacionais. A rede de contatos se estende por várias partes do país, contando com a marca Avaí vinculada a escolinhas de futebol em outros Estados como o de Rondônia. O universo do futebol, ou melhor, a visão mercadológica que o mesmo atinge nos últimos anos no Brasil é facilmente observado nesse ambiente. Sendo assim, o clube merece destaque devido à relevância e à representação na cidade e no Estado, bem como no cenário de formação de atletas nacionais.

A Escola Estadual Básica Ildefonso Linhares, localizada no bairro Carianos, recebe os atletas do Avaí, os quais são matriculados no ensino regular. Todos os jovens atletas com relação idade-série compatível frequentam a sala de aula. Atualmente 60 jovens das categorias de base estão nos bancos escolares divididos entre o 9º ano do Ensino Fundamental e os três anos do Ensino Médio. A escola atende alunos da região nos períodos da manhã, tarde e noite. Em média, cada sala de aula possui 32 alunos matriculados. A maior concentração de atletas se dá no período noturno, em que cada turma conta com pelo menos seis estudantes vinculados ao futebol. No ensino noturno, temos três turmas de primeiro ano, duas turmas de segundo ano e duas turmas de terceiro do Ensino Médio frequentando simultaneamente as dependências da instituição. Observamos em campo que a presença dos atletas interfere na dinâmica da escola, nas aulas dos professores e consequentemente nas regras de convivência. Esse cenário da escola é um espaço rico para observação e compreensão da relação formação esportiva e escolarização. A importância desta instituição foi detectada na primeira aplicação dos questionários com os atletas, em 2011, que evidenciava, desde aquele momento, uma parceria entre o clube e a escola, que se intensificou desde então.

Após esse primeiro contato, o desejo de desenvolver a pesquisa começou a ganhar contornos, objetivos e foco. No final de 2012, um contato foi realizado com o clube, com efetivação de nova pesquisa de campo nos primeiros meses de 2013. Embora o clube tenha uma postura de portas abertas para estudos universitários, adentrar esse mundo em que os jovens são entendidos como mercadorias, os quais sofrem assédio constante, pareceu bastante desafiador. Uma tática prevista foi contatar um colega do núcleo, aluno da pós-graduação e técnico de goleiros das

categorias de base do Avaí, da modalidade do futsal. Esse facilitador, um membro interno do grupo, possibilitou o contato direto com a equipe do atendimento psicossocial que presta atendimento aos jovens. Sei que poderia ter feito o contato com as mesmas pessoas sem sua intermediação, mas acredito que a recepção e a tranquila confiança que os profissionais tinham sobre meu personagem de pesquisador garantiu assim melhor aceitação. A partir desse contato, troquei correio eletrônico com um dirigente e conversei com membros da comissão técnica das categorias de base, obtendo livre acesso às dependências do clube. Isso também possibilitou realizar a ponte com os gestores da escola na qual os atletas estão matriculados.

As observações de campo deste TCC foram realizadas durante o ano de 2013, com várias visitas à escola e ao clube para assistir aos treinamentos, conversar com profissionais, realizar entrevistas, andar pelas dependências sentando em locais de circulação, ouvindo conversas, observando inscrições corporais e até mesmo o estranhamento de minha pessoa no local. Algumas vezes era reconhecido como professor, estudante universitário, jornalista/repórter, familiar de atleta, agente de atleta, fiscal de atleta e olheiro¹⁰. A figura de pesquisador sempre foi reconhecida pelos profissionais que dão atendimento aos jovens e aos gestores da escola, por minha exposição e contato serem maiores. Para os jovens, a pouca interferência em suas rotinas rendia a curiosidade sobre minha tarefa. Pouco a pouco, algumas barreiras foram sendo superadas, e como estratégia inicial de entrada em campo o caderno para anotações se fez presente. Com o tempo, já era natural me ver escrevendo e anotando informações no clube ou no espaço escolar entre atletas e não-atletas. A desconfiança inicial foi superada pela sociabilidade em cumprimentos e acenos, isto é, no reconhecimento de minha pessoa no meio.

Devido à atividade desenvolvida pelos jovens e a diferença de geração entre nós, não podia exercer plenamente uma observação participante nos moldes de experienciar aquilo que fazem e como fazem. As equipes são fechadas em suas categorias pela faixa etária. Entre atletas de alto rendimento, um “perna de pau” como eu seria classificado e facilmente reconhecido se eu me aventurasse a acompanhá-los no treinamento. Assim, simplesmente “montei minha barraca”, como diria Malinowski, e coloquei minha presença em inúmeros lugares que eles frequentavam, observando os comportamentos dessa “comunidade de prática” (LAVE; WENGER, 1991). A antropóloga Rosana Guber (2001, p. 60) define esse tipo de incursão como “participação observante”, e foi isto que fiz, pois estava circulando pelo espaço, conversando com pessoas e observando muito mais do que “participando” nos moldes que o campo escolhido exigiria, de prática de futebol.

¹⁰ Profissional que descobre talentos circulando por clubes e competições e faz a intermediação de propostas para ambos. Está é uma das razões para circularidade dos jovens no meio do futebol, pois são assediados frequentemente para mudança de clube com oportunidades mais promissoras.

Uma das oportunidades, contruída com apoio dos integrantes do Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)¹¹, foi observar e interagir com os jovens atletas por meio da realização da “Oficina Papo Sério”, que versa sobre questões de gênero e sexualidade na escola. A oficina teve como proposta abordar temas sobre masculinidade e sexualidade com os estudantes, o que possibilitou estar em sala de aula realizando dinâmicas e observação do comportamento dos atletas junto a outros alunos de suas turmas.

As incursões a campo e as entrevistas e conversas foram gravadas com o gravador de um dispositivo móvel da Nokia modelo Asha 202. O mesmo dispositivo também tirou fotografias. Registros em diário de campo foram feitos para guardar impressões e fatos que ajudam a compor o material em que procuro, na visão geertziana, trazer o ponto de vista do outro (GEERTZ, 2012b).

Uma proposta de falar sobre esporte, principalmente de futebol, não é simples, pelas inúmeras interpretações de senso comum que buscam deslegitimar o conhecimento analítico do mesmo. No Brasil, todos falam com propriedade sobre futebol, que é um tema muito caro aos amantes da modalidade. Encontramos em livros, crônicas em revistas e jornais, debates em televisão e rádio, rodas de bar e no trabalho, as mais diversas explicações para a paixão, sucesso e interesses pelo futebol. Esse fato leva ao ponto destacado por Gilberto Velho (1997) e requer atenção do pesquisador, pois o movimento de estranhar o familiar, de tentar compreendê-lo fora da cultura de senso comum (GEERTZ, 2012a, p. 80), é desafiador. O fato de gostar de futebol, torcendo pela parte vermelha da cidade de Pelotas/RS e também da parte vermelha no Rio Grande do Sul, ajudou em certa medida a desconstruir o conhecimento prévio ou de senso comum que induz respostas rápidas e simplórias. Esse foi um exercício constante, pois os subsídios de acompanhar o futebol podiam ser questionados a todo o momento na procura por estranhar o familiar.

Outro ponto de apoio que favoreceu a investigação foi o fato de que, mesmo vivendo em uma sociedade complexa onde o fenômeno do futebol pode ser encarado como um fato social total, minha presença dentro da *comunidade de prática* dos atletas era de um estranho. Meu personagem de pesquisador estava carregado de interesses e olhares que me tornavam diferente dos atletas e profissionais do clube. Minha aceitação se deu paulatinamente, e, se posso dizer, foi de maneira respeitosa, pois me mantinha às margens, ou na gíria do futebol, “correndo por fora”, o que possibilitou galgar e achar os espaços em que minha figura já não levantasse suspeita. Ser reconhecido pelo nome parece algo simples, mas quando o rótulo de professor, estudante e outros, deixa de ser referenciado e seu nome passa a ser lembrado, simboliza uma mudança, e acredito então percorrer o caminho correto.

¹¹ <http://www.nigs.ufsc.br/>

Os dados foram analisados com base em diários de campo, entrevistas e observações nos espaços das duas instituições. Após tabulação, análise do conteúdo e a correlação teórica, os resultados permitiram as interpretações e entendimentos sobre a formação futebolística.

Capítulo 2 – Concentração: futebol, um fenômeno social

No início dos anos 1990, Roberto Helal (1990) constatava que o fenômeno esportivo adentrava os espaços da sociedade. Sua breve observação, ao embarcar no metrô da cidade de Nova Iorque (EUA), o fez perceber que a coluna mais lida em vários jornais que os passageiros consultavam se centrava no caderno de esportes. Esse fato o fez identificar a magnitude que os eventos esportivos atingiam naquele momento.

No Brasil, a modalidade esportiva de maior evidência e que faz parte de nossa socialização primária é o futebol. Como bem mostrou Arley Damo (2008), mesmo em tenra idade, o pequeno infante passa a ser adotado a um clube de futebol, geralmente com o qual a figura paterna simpatiza. Esse contato tende a se tornar maior ou menor conforme o círculo social do qual faz parte. O futebol ganha grande representação à medida que invade os espaços sociais, influenciando até mesmo comportamentos. Segundo Helal (1990), podemos encarar o futebol como um fato social que:

(...) socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes. (HELAL, 1990, p. 14)

As influências são sentidas em implicações construídas historicamente como amarras do futebol junto à sociedade brasileira, as quais podem ser percebidas no trabalho de José Manoel Wisnik (2008), que revela estarem imbricadas a produção literária, musical e do futebol com a construção identitária nacional. Nesse projeto identitário de nação que ocorre durante o século XX, a relação da política e do futebol é destacada no trabalho de Marcos Guterman (2009), demonstrando como a modalidade passa a ser colada à imagem do Brasil, país moderno e multicultural. Outra vertente, agora presente na pesquisa de Roberto DaMatta (1982), descreve a dramatização do social externada e vivenciada no futebol, que acaba sendo um palco interessante das tensões sociais ou da supressão momentânea das hierarquias presentes na sociedade. Com esses breves exemplos, pode-se destacar quanto o futebol, como um fato social total transpassa as diversas esferas da sociedade, seus estratos sociais e espaços que afetam direta ou indiretamente o cotidiano das pessoas nos centros urbanos.

O futebol, como representação e identidade do Brasil, vem a reboque da construção de uma nação. Arraigado à “cultura do brasileiro”, e como prática que possibilita prestígio por meio da profissionalização, a modalidade esportiva passa a ser procurada como caminho para ascensão e mobilidade social de estratos com carência econômica. Como fato social total, promove comportamentos e um tipo ideal de jogador com características técnicas e estéticas aceitáveis para a modalidade. Essas características são exaltadas em um conhecimento que se pode dizer

institucional, nos programas esportivos, nos jogos profissionais e na formação dos jovens atletas. Um padrão aceitável de habilidades e técnicas corporais reconhecidas que mobilizam a ação do indivíduo para seu aprimoramento.

A busca por melhorar o rendimento e legitimar o capital corporal visando viver do esporte faz necessário manter o vínculo com um clube formador. No Brasil, várias entidades são reconhecidas, mas os clubes profissionais de futebol possuem um status maior no meio por ser a ponta da profissionalização. Contam com a torcida que mobiliza o clubismo, possuem relações e envolvimento com empresas e empresários interessados em manter os jovens em vitrines que garantam maior exposição, almejando dentro de um processo produtivo ter como consequência receber propostas e o retorno do investimento feito nos atletas. Isso faz os clubes organizarem sua estrutura para receber os jovens como entidades formadoras voltadas para o alto rendimento.

Os clubes formadores atraem inúmeros jovens no País que se deslocam de regiões remotas na busca de um sonho, um projeto que envolve familiares e significa também, em muitos casos, distanciamento do meio social primário. Na idade de 13 a 20 anos, as escolhas como a saída de casa, a necessidade de amadurecimento rápido, o convívio com inúmeras diferenças e novas regras fazem o jovem se tornar um atleta. Ao mesmo tempo, nessa faixa etária a legislação o obriga a estar em sala de aula continuando sua escolarização. Assim, o termo **estudante-atleta** é constituído para caracterizar o jovem que realiza uma prática rotineira ligada ao esporte de alto rendimento e que também desenvolve sua escolarização concomitantemente. Embora a prática rotineira possa ser entendida como trabalho, o termo estudante-trabalhador não é aplicável, pois não há legislação específica pautada nos moldes das relações trabalhistas como no caso do jovem aprendiz¹². As leis atuais que versam sobre o tema atribuem ao jovem a alcunha de atleta em formação e, aos clubes, o título de entidades formadoras¹³.

2.1 - Esporte e Jogo

O estudante-atleta se insere no mercado de trabalho como pé-de-obra (DAMO, 2008), alimentado por um sonho de mudança e ascensão social. Um caminho mais rápido para superar ou romper com a cadeia de profissões subalternas e mal remuneradas dos familiares. Somado aos percalços e desafios do ensino de qualidade no Brasil, o esporte recebe um teor de imediatismo no seu resultado financeiro e de capital social. Essas são razões que fazem familiares se interessarem na formação do jovem atleta e tal situação supera a escola e seu desejo de ensino.

¹² Lei nº 10.097, de 19 Dezembro de 2000. Acesso em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm

¹³ Atualmente um debate ainda brando sobre legislação permeia o universo de formação esportiva. Para maiores informações das implicações ler BARRETO (2012).

Uma crônica de Eduardo Galeano (1995) descreve a vida do jogador de futebol que pode ser repleta de glamour e reconhecimento, mas, em contrapartida, do sujeito é cobrado um preço alto. Sua crônica desvenda um pouco as relações presentes no meio específico do futebol, como fato social que mobiliza percepções e ações diversas na plateia, e que do sujeito que veste a máscara de jogador exige dedicação e empenho constante.

El barrio lo envidia: el jugador profesional se ha salvado de la fábrica o de la oficina, le pagan por divertirse, se sacó la lotería. Y aunque tenga que sudar como una regadera, sin derecho a cansarse ni a equivocarse, el sale en los diarios y en la tele, las radios dicen su nombre, las mujeres suspiran por él y los niños quieren imitarlo. Pero él, que había empezado jugando por el placer de jugar, en las calles de tierra de los suburbios, ahora juega en los estadios por el deber de trabajar y tiene la obligación de ganar o ganar. Los empresarios lo compran, lo venden, lo prestan; y el se deja llevar a cambio de la promesa de más fama y más dinero. Cuanto más éxito tiene, y más dinero gana, más preso está. Sometido a disciplina militar, sufre cada día el castigo de los entrenamientos feroces y se somete a los bombardeos de analgésicos y las infiltraciones de cortisona que olvidan el dolor y mienten la salud. Y en las vísperas de los partidos importantes, lo encierran en un campo de concentración donde cumple trabajos forzados, come comidas bobas, se emborracha con agua y duerme solo. (GALLEANO, 1995, p. 16)

Na crônica, Eduardo Galeano apresenta, de maneira breve, parte da cosmologia do jogador de futebol na América Latina. Como descrita por Arlei Damo (2008), temos uma tríade formada por **dom**, **amor** e **dinheiro** que ressalta o universo futebolístico. O **dom** diz respeito a uma prodigiosa aptidão, que deve ser usada e usufruída como algo divino. Carrega uma mensagem de inato. Portanto, ter um dom significa não precisar de novos talentos ou atribuições diretamente relacionadas à escolarização ou outras fontes, pois já está predestinado a uma carreira que o livrará da fábrica ou do escritório. O **amor** pode ser identificado com os sentimentos de prazer na prática da modalidade, e as paixões provenientes das relações afetivo-sexuais, a adoração de mulheres e das crianças que o imitam. O **dinheiro** significa uma mudança dentro do estrato social, como se tivesse ganhado na loteria, a conquista de uma posição de prestígio, além de simbolizar a ruptura no ciclo de profissões subalternas executadas pelos pais ou responsáveis (DA CONCEIÇÃO, 2013).

O fascinante no futebol está no fato de englobar em sua constituição a característica de um *pêndulo social* (BAUMAN, 2010, p. 61), que descreve uma oscilação entre a liberdade e a segurança. A liberdade do jogo se relaciona com a capacidade de criação, diversão e invenção de jogadas; já a segurança do jogo está ligada a sua racionalidade, a profissionalização com supostos altos salários e reconhecimento social. Guardando esse movimento pendular, é possível pensar, conforme o antropólogo Roberto DaMatta (1997), em uma característica para o futebol que demarca essa ambivalência, sem limitar fronteiras rígidas entre liberdade e segurança, apresentando-as como duas dimensões que coabitam o mesmo espaço do futebol como no vai e vem de dribles

desconcertantes. Assim, percebo que o pensamento construído por Roberto DaMatta sobre a casa e a rua, o privado e o público, pode se estender para a o **Esporte Futebol** e o **Jogo Futebol**.

DaMatta, no Livro “Universo do futebol” (1982, p. 25), faz uma análise de como na sociedade americana e inglesa as modalidades esportivas são reconhecidas como *sports*, já, no Brasil, o futebol vem sempre precedido pela palavra jogo. O jogo está vinculado a duas ideias: uma de “jogo de azar” carregado do teor de imprevisibilidade e a outra refere-se à diversão e brincadeira. O *sports* para os americanos e ingleses, por sua vez, significa força e técnica, ficando a sorte para o último lugar. Assim, reforçamos a ambiguidade do Esporte Futebol e do Jogo Futebol ao analisarmos a trajetória dos jovens atletas.

No **Esporte Futebol** podemos considerar sua face ligada a casa, de cunho privado, de conseqüente segurança. Suas ações são refletidas no rendimento, no aprimoramento, no aparato técnico, assim como nos relacionamentos internos inerentes ao futebol, às negociações de jogadores, à articulação de contratos, às tabelas dos campeonatos e torneios diversos, relacionado ao **jogar bola** que requer maturidade. Também envolve a família, amigos, as festas particulares e a religiosidade. O caso do **Jogo Futebol** permite-nos argumentar sobre sua ligação com a rua, o lugar público e de liberdade, onde se promove diversão, criatividade, brincadeira, infantilidade, o **brincar de bola** e a lembrança constante da lama ou do terraço¹⁴. A atração pelo futebol parece estar na imbricação dessas duas dimensões que não se separam. Essa ambivalência permite poder caminhar, ao mesmo tempo, entre uma e outra, pois os sujeitos estão na intersecção de diferentes mundos, transitando entre domínios do trabalho, do lazer, do sagrado (VELHO, 1999, p. 26). As tensões existentes entre o movimento de casa-rua, segurança-liberdade, **Esporte Futebol - Jogo Futebol** são os motores para compreensão deste campo rico e repleto de contradições, sonhos e representações.

Esse universo parece seduzir e alimentar sonhos pessoais, familiares e de adultos especialistas, que se dedicam a um projeto, em certa medida, homogêneo, pois é familiar, estando pautados na característica do corpo e no seu uso, a partir das habilidades físicas de um integrante com as quais se espera então superar os obstáculos culturais e sociais. O projeto familiar, embora homogêneo em seu desejo, logo transparece em sua heterogeneidade devido aos papéis sociais exercidos e às atribuições de cada indivíduo no grupo para realização do objetivo.

¹⁴ Expressão utilizada para designar a origem de alguns jogadores em sua fase de iniciação no futebol. Faz referência aos campos de terra nos subúrbios das cidades, os mesmo são valorizados para mostrar os desafios da trajetória e para marcar a origem dos jogadores.

2.2 - Por que futebol?

Durante o desenvolvimento da pesquisa, tive a oportunidade de realizar uma abordagem exploratória com pessoas que assistiam a uma peneira¹⁵. Era uma quarta-feira, meio da semana, e, por volta de 80 jovens acompanhados de seus familiares e responsáveis ouviam as instruções sobre o processo seletivo que possui duração de três dias. Após alguns minutos e uma breve conversa, todos são encaminhados para o campo de treinamento onde os jovens passam para o outro lado do alambrado, os adultos permanecem do lado de fora da cerca a torcer e a avaliar o desempenho ‘do seu’ frente aos outros. O dia estava quente e os poucos arbustos que davam sombra eram divididos. Permaneço junto aos familiares aproveitando a oportunidade para conversar com alguns que estão na cerca. O primeiro, um senhor já grisalho, uruguaio morador de Florianópolis/SC há mais de 30 anos, aparentando por volta de 60 anos, acompanha seu neto. Argumenta que no Brasil a cultura de jogar futebol é muito forte como no Uruguai, e seu neto merece uma chance de tentar a carreira. O senhor grisalho diz saber dos desafios da profissão, mas, se for escolha do jovem, afirma que ele deve se dedicar, mas sem deixar os estudos. Outro homem de 40 anos, vindo de uma cidade do meio-oeste catarinense para acompanhar o filho, relata que os dois vão passar os três dias na casa de familiares, sonhando com a perspectiva de carreira no futebol. Alega que o apoio da família é fundamental para iniciar a caminhada. Um professor de Educação Física, de nome Adriano¹⁶, com 27 anos, dono de escolinha de futebol em Santa Maria/RS, trouxe sete jovens para o teste. Alugaram uma casa próxima ao clube por uma semana e procuraram o Avaí devido às maiores chances de aprovação. Esses três sujeitos, responsáveis por jovens de locais com relação distinta quanto a distância do clube, se mobilizam em volta das mesmas esperanças de sucesso em meninos que gostam de brincar de bola.

A aproximação motivava a conversa, e com esse intuito me achego para perguntar a eles¹⁷ sobre a questão da escolha pelo futebol. As respostas se assemelham à medida que dizem respeito a três itens de como entender a relação do futebol no Brasil. Os argumentos estão centrados no primeiro momento na fala de que “no país do futebol, se aprende futebol, se joga futebol, se brinca de futebol”; um segundo comentário diz que “aprendemos em casa, pois a primeira coisa que damos às crianças é uma bola”; o último argumento exalta algo entendido como inato ao jovem, o seu talento, o dom dado a determinados “abençoados”. Esses três pontos justificam a escolha dos familiares pelo futebol e partem de considerações distintas, porém complementares.

¹⁵ Expressão utilizada para designar o processo de seleção de jovens atletas.

¹⁶ Os nomes apresentados durante o trabalho são fictícios.

¹⁷ Pergunta feita a um homem de 27 anos, professor de escolinha de futebol, um avô de aspirante a atleta, ao psicólogo do clube, ao coordenador das categorias de base do clube e a um atleta de 14 anos, todos participantes de uma ou de outra forma de um processo conhecido como peneira, em agosto de 2013.

A característica relatada como inata ao sujeito foi discutida por Arlei Damo (2008) e chamada de “dom da profissão” o que escamoteia toda uma aprendizagem institucionalizada, isto é, o autor percebe em entrevistas com jovens atletas que, ao alegar um **dom** e um talento inato, desprezam todo um conhecimento tido como “espontâneo” e um “institucional” durante sua trajetória de vida. As experiências anteriores em que lhe foram incorporadas técnicas futebolísticas não são levadas em consideração, assim como o não reconhecimento dos responsáveis pelo treinamento. Esse fato desconsidera toda uma apreensão anterior com a incorporação das técnicas aceitáveis para uma boa estética futebolística e também desconsidera o aprimoramento rotineiro quando inserido no processo de formação institucional. Mais do que demarcar limites rígidos entre um conhecimento institucional e um espontâneo, os termos são utilizados para significar tempo e espaço de apreensão. Em sentido amplo, o conhecimento ou educação futebolística se dá por destreza, habilidade ou uma melhor adequação à técnica corporal reconhecida como ideal. A maneira espontânea que acaba não sendo exaltada pode ser descrita como processo de apreensão, incorporação e adestramento corporal que modelam as ações e costumes de uma prática. Nesse sentido, está condicionada à orientação de um detentor do conhecimento. Assim, os familiares, ao dar uma bola, começam a mostrar as diferentes técnicas de como chutar, o posicionamento do pé, a força de arremate, a condução de bola, os dribles, o domínio, o condicionamento físico, além das primeiras noções de posição e esquemas táticos. Todo esse conhecimento, embora encarado como espontâneo, por diferir do espaço legitimado para transmissão e aperfeiçoamento da técnica, começa a moldar e adaptar o sujeito ao aprendizado do modelo aceito como ideal das características de jogador de futebol. Essas características do “bom jogador” foram construídas culturalmente e marcam um traço de singularidade, no caso brasileiro, que valoriza a *performance* corporal de atletas do País. Ao valorizar as características futebolísticas desacredita a escola, organiza investimentos para formação esportiva e desmobiliza os esforços na escolarização.

Como “pequena criatura de sua cultura”, crianças e jovens ganham a forma de sua sociedade (BENEDICT, 1970), passando assim a acomodar-se aos padrões de costumes predominantes no círculo de sua socialização primária. A resposta dos entrevistados que “no país do futebol, se aprende a jogar futebol”, parece ir ao encontro do pensamento da autora de que a modalidade esportiva como fenômeno sociocultural é transmitida pelos adultos detentores do conhecimento a uma criança e jovem que incorpora as técnicas (costumes) condizentes com a prática. A fala do professor de uma escolinha de futebol exprime essa relação: “- Futebol é um esporte que se aprende desde pequeno. Faz parte de nossa cultura!” (Adriano¹⁸, 27 anos).

O sociólogo Emile Durkheim (2001) mostra esta relação de transmissão das gerações adultas para as mais novas, descrevendo-a como socialização, que pauta o ensino de valores,

¹⁸ Nome fictício.

costumes e práticas. A função primordial desse processo é habilitar o sujeito à adequação na sociedade em que vive. Em certa medida, significa controle e conformação das ações em sociedade. Marcel Mauss (2003, p. 410) usa a expressão adestramento para dar significado a esse processo.

O Brasil, reconhecido como o “país do futebol”, possui uma tradição corporal eficaz aceita como ideal para a prática desse esporte. Como o andar das mulheres Maori, que advém de um processo adquirido por meio de orientação e imitação (MAUSS, 2003, p. 405), essa educação corporal é transmitida e imposta como valor da sociedade. Claro que não devemos generalizar como no senso comum, em que se costuma dizer que todo brasileiro joga bem futebol. As muitas exceções existem e são comuns, mas a tradição cultural de técnicas corporais aceitáveis para a prática do futebol no Brasil faz crianças e jovens terem uma melhor condição de adaptação às exigências da modalidade. O **Esporte Futebol**, devido à representatividade, favorece essa reflexão, principalmente por ser considerada uma prática corporal bastante difundida, com uma **tradição de eficácia** (MAUSS, 2003) e que faz parte de um processo de socialização. A destreza corporal é construída ou imposta dentro de uma tradição que indica os modos e maneiras mais corretas para desenvolver tal prática/técnica. Este aprendizado espontâneo também parte de um modelo institucional, que também é alimentado pelo imaginário do espontâneo. “Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios.” (MAUSS, 2003, p. 404)

“O esporte faz parte, hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo” (BRACHT, 2005, p. 9). A representatividade do **Esporte Futebol** no momento atual incute nos jovens o vislumbre de atingir um padrão de vida e status que os fazem, em conjunto com suas famílias, mergulharem em um mar de incertezas, trilhando um caminho que muitas vezes significa separação¹⁹.

2.3 - O alambrado

A busca por profissionalização no futebol começa com o desejo e a construção de um projeto familiar (VELHO, 1999, p. 40) em que um de seus membros se destaca na modalidade esportiva. Em muitos casos, acontece o fenômeno denominado por Carmen Rial (2008) de caçulismo, em que o filho mais novo recebe apoio do restante da família, isto é, os outros membros do grupo captam recursos e liberam o jovem para dedicar-se plenamente ao futebol. No entanto, esse projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo, como alerta Gilberto Velho

¹⁹ O trabalho de Carmen Rial (2008) evidencia a circularidade do atleta de futebol que pode iniciar ainda nos primeiros anos de treinamento quando muitas vezes se faz necessário trocar de município e/ou estado para dar continuidade a sua formação, significando assim separação da família e amigos.

(1999, p. 41). Cada indivíduo na família tem sua responsabilidade a desempenhar e contribui para o todo, pois o projeto depende do jogo e da interação com outros projetos individuais, ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidade (VELHO, 1999, p. 47), pois existem diferenças particulares de status, trajetória e, no caso da família, de gênero e geração (VELHO, 1999, p. 41). Portanto, o projeto coletivo é feito de projetos individuais que correspondem a um papel social a desempenhar para efetivação no coletivo.

É sobre esse caminho dedicado ao futebol, constituído em um projeto familiar, que o trabalho pretende discutir. Percebo em observações realizadas em três momentos distintos de minha pesquisa de campo referente à trajetória dos jovens atletas. Esses momentos marcam espaços separados por uma fronteira simbólica e também concreta. Essa fronteira é materializada no **alambrado** ou cerca de tela, que delimita o local de prática do futebol. Geralmente os campos e gramados mais estruturados tendem a separar os praticantes e os observadores. Nos campos de várzea ou terraço, essa divisória não se faz presente, pois todos são aceitos e bem vindos ao **Jogo Futebol**. No entanto, à medida que o jogo ganha seriedade ou principalmente é legitimado pelo seu espaço de prática por instituições em que a relação se enquadra no **Esporte Futebol**, a necessidade de construir uma fronteira se faz presente.

O sonho de familiares e meninos que buscam a profissionalização no esporte passa por dois alambrados. O primeiro simboliza a entrada no **Esporte Futebol**, pois um alambrado separa os jovens do gostar de **brincar de bola** e do **jogar bola**, isto é, marca a entrada na categoria de base de um clube de futebol profissional, onde o treinamento passa a ser rotineiro e institucionalizado, objetivando o alto rendimento. Esse período pode levar até 10 anos de dedicação, marcados em mais de cinco mil horas de preparação (DAMO, 2005). No entanto, não é garantia de profissionalização, pois apenas sinaliza um campo de possibilidades (VELHO, 1999, p. 28) e que deve ser transposto por outro alambrado: o que separa o campo de treinamento da base do campo principal/profissional dentro do estádio.

O período de iniciação do jovem está relacionado a atividades junto à família, escola e algum clube ou escolinha. O jovem ganha o gosto pela bola, aprende as técnicas de *performance* e se imagina na pele de craques consagrados. É um período em que códigos e discursos são aprendidos com evidente poder socializador (VELHO, 1999, p. 24). O desejo e a desenvoltura levam à oportunidade de participar dos processos seletivos, chamados de peneiras. Esse desejo pode envolver baixo custo de investimento com transporte e deslocamento quando se está na mesma cidade do teste. No entanto, quando centenas de quilômetros estão entre o jovem e o processo seletivo, isso pode demandar muita organização logística e preparação familiar.

Como já assinali, no dia 21 de agosto de 2013, em uma das visitas de campo, tive a oportunidade de acompanhar uma **peneira**. Para participação desse processo seletivo, é necessário

pagar uma taxa de R\$ 40,00 e frequentar os três dias de testes. No primeiro dia, separam os jovens por idade, colocando-os a jogar futebol na metade de um campo. Neste espaço reduzido, não há necessidade de guardar uma posição, o objetivo é observar e perceber aqueles que se destacam, isto é, que possuem visão de jogo, boa técnica e até onde for possível o posicionamento dentro do jogo. A alegação é a de não “queimar” os meninos no primeiro dia, pois, ao colocá-lo em uma posição que não seja a dele, mesmo com o consentimento ou escolha do garoto, o seu rendimento pode ficar comprometido. No segundo dia, será uma parte técnica de fundamentos e, no terceiro, serão colocados no campo oficial de jogo com posições definidas, preestabelecidas pela comissão técnica após os dois primeiros dias de testes.

O teste aconteceu nas primeiras horas da tarde, contava com aproximadamente 80 jovens. Todos pareciam ansiosos para mostrar o quanto sabiam de futebol. Muitos familiares estavam acompanhando os jovens, entre eles podiam ser vistos pais, mães, tios, avôs que, em seus rostos, tanto quanto dos jovens, se podia observar a admiração e os sonhos com esse *campo de possibilidades* para meninos que ali estavam (VELHO, 1999, p. 28). Após orientações dos procedimentos para o teste, um funcionário do clube, ex-jogador de futebol profissional, relata sua experiência, dá incentivos para que uma negativa não desanime os jovens. Diz que o caminho é difícil e árduo e que não há garantia de sucesso. O primeiro alambrado existente se torna agora um obstáculo que separa o tempo presente (**brincar de bola**) do tempo futuro (**jogar bola**).

Impressiona ver a atenção e concentração dos responsáveis e dos jovens enquanto ouvem as informações que são passadas. Os rostos revelam uma ansiedade como projetando sonhos. Essa foi uma sensação estranha e real daquilo que move tantas e tantas pessoas a trilharem esse caminho árduo (Diário de Campo, 0052013). Neste espaço restrito do clube, em uma arquibancada, assim como Gilberto Velho (1999) descreveu na experiência vivida na rua com um Preto Velho, o momento era de quebra de hierarquias: tanto ricos, pobres, moradores da capital ou do interior com malas e sotaques se colocavam no mesmo plano para torcer pelo êxito do jovem. Como percebido no relato sobre o “Preto Velho”, as pessoas, familiares que acompanham os jovens, operam na mesma província de significados e interação por meio de uma rede de simbolismos.

Após as informações passadas aos aspirantes a jogador, é dada a voz de comando para se dirigirem ao campo de treinamento. Os três campos são delimitados por um grande alambrado. Do lado de fora, foram plantados arbustos como cerca viva, com o objetivo de dificultar a visão de quem passa pelo local. No entanto, para quem chega, é muito interessante observar as brechas na cerca viva, todas posicionadas em locais que privilegiem a visão para o campo. Devido à frequência de observadores, a cerca viva não mais cresce em alguns pontos, também podem ser vistas várias pisaduras e os tijolos amontoados feito bancos, percebendo-se que é um local de muito fluxo.

Muitos observadores param no local para ver o treinamento e os jogos. Os motoristas de veículos variados reduzem a velocidade para observar os jovens em treinamento. Nesse dia de peneira, o local é ocupado pelos familiares dos aspirantes a jogador. É um local emblemático, famílias observam o sonho, garotos se agarram ao alambrado, se apoiam e gesticulam sobre a jogada certa e o posicionamento correto. Do lado de fora, alimentam sonhos e um imaginário de futuro fazendo o que gosta.

A dinâmica do futebol fora desse alambrado é muito diferente daquela praticada do lado de dentro. Os atletas que estão em treinamento já apresentam condicionamento físico e nível técnico-tático muito superior. Embora a peneira não confronte os dois tipos de jovens, os atletas e os aspirantes, o simples fato de acompanhar simultaneamente as atividades desempenhadas em dois gramados distintos, a desenvoltura de cada um mostra a diferença que existe entre os que **brincam de bola** e os que **jogam bola**.

Para os jovens, o fato de acessar o outro lado do alambrado já produz um empoderamento que se mistura com o nervosismo e o *ethos* de jogador profissional. Os jovens que realizaram o teste nos momentos de descanso não tiram os olhos dos atletas em treinamento. Esse fato parecia estimular e valorizar ainda mais aqueles já vinculados ao clube que já sobrepujaram o primeiro alambrado.

Passados os três dias de teste, os jovens retornam para suas casas e aguardam o resultado no *site* do clube. Essa estratégia foi pensada devido à comoção que era divulgar a negativa no final do processo. Agora, a comissão técnica de avaliadores deixa os jovens retornarem para casa, dão alguns dias, o que gera naturalmente questionamentos sobre o desempenho pessoal, fazendo acostumar-se com uma resposta negativa e posteriormente com esse cenário, para então promover a divulgação. Nesse processo que assisti, ninguém foi aceito. Pessoalmente eu já possuía informação de que só se alguém se destacasse muito passaria no teste, pois os quadros do clube estavam fechados, com as equipes em plena competição. Para esses jovens, o primeiro obstáculo não foi superado nesse momento, assim continuam alimentando o imaginário nacional que permite sua transposição.

Os jovens que se encontram na condição de atleta do clube superaram o primeiro alambrado, encontram-se dentro dele, realizam treinamentos diários alternados entre tático, técnico e físico. No geral, acontecem em meio período e, à medida que sobem de categoria, os treinamentos podem ser realizados em dois períodos. A maioria dos atletas é oriunda de diversos Estados brasileiros. Por isso, uma estrutura com alojamentos e locais de moradia alugados é mantida pelo clube. Também são fornecidos uniformes de treinamento, alimentação, acompanhamento psicossocial e médico-odontológico, além de frequência à escola. Para alguns estratos da sociedade, essas condições talvez

sejam melhores do que as que o jovem tivesse com a família, e os “benefícios” oferecidos pelo clube o qualificam na consideração dos familiares. Em contrapartida, a separação é inevitável em vários casos, os jovens deixam suas famílias e o **brincar de bola** e se inserem no **Esporte Futebol**, aprendendo o que é **jogar bola**. Esta saída, o rompimento ou renúncia do convívio familiar, significa deixar um mundo “opressor”, pois a opção de permanecer no grupo original com pouca gratificação, frustrações e escasso prestígio é superada pela busca de novos espaços físicos e sociais (VELHO, 1997, p. 48). O relato de quatro atletas entre 16 e 17 anos (dois paulistas, um catarinense e um goiano) afirma que sonhavam em ser jogadores, mas, no primeiro momento, a família incentivou essa busca, e só depois de estar dentro do alambrado começaram a entender o que é profissionalização no esporte. O *projeto* de cada um, como descrito por Gilberto Velho (1999, p. 46), sempre interage com outros projetos dentro do campo de possibilidades no qual está inserido. E os projetos, assim como os jovens, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente (VELHO, 1999, p. 48), à medida que acontece a assimilação dos padrões e exigências da formação, uma aparência de jogador passa a ser externada, representando a internalização do meio futebolístico no sujeito.

O *ethos* de jogador se evidencia nos atletas pelas roupas, pelo caminhar, o corte de cabelo e os acessórios. O fato de estar dentro do alambrado atribui um status e prestígio entre os familiares e amigos, além de um olhar também diferenciado por parte da sociedade que compartilha dos símbolos ligados ao futebol. A visão de mundo compartilhada pelos jovens agora envolve o aperfeiçoamento constante de um capital corporal que deve ser adquirido com muito treinamento. O campo de possibilidades se amplia com a aproximação de profissionais do clube e de empresários. A meta final está no objetivo de superar o segundo alambrado, que concretiza a carreira como profissional. Esse alambrado ainda parece ser mais difícil do que o primeiro. Pois, como evidência a fala de um atleta de 16 anos, com três meses no clube e natural de Goiânia/GO, “você pode passar anos treinando e nunca assinar a súmula²⁰ de um jogo profissional”. A consciência de uma carreira imprevisível e cheia de percalços fica evidente nessa fala, significando um estar em formação sem a garantia de profissionalização.

Em outro momento no clube, enquanto assistia ao treinamento da equipe principal do Avaí no gramado central do estádio, reparei os jovens atletas encerrando seu treinamento e indo em direção ao vestiário. Quando passaram perto do alambrado, paravam por alguns minutos admirando o treino coletivo e os jogadores profissionais. Logo, a imagem do primeiro alambrado retornou a minha mente. Novamente jovens se agarrando a cerca, se apoiando e comentando sobre o treino. Nesse momento, ficou evidente que mais um alambrado precisava ser transposto, outra fronteira

²⁰ Documento que registra os atletas relacionados para o jogo, além de relatar as ocorrências ou outras observações. Pode ser entendida como uma ata da partida de responsabilidade da arbitragem.

carregada de novas relações e regras de convivência. Portanto, esses jovens atletas ainda não atingiram o objetivo final: superar o segundo alambrado, sua profissionalização.

Não podemos esquecer que, mesmo após a profissionalização, a carreira de jogador de futebol não é garantia de êxito e sucesso, assim, novos alambrados devem ser transpostos constantemente. Fatores que demarcam os novos obstáculos são a instabilidade empregatícia, atrasos de salário, o não cumprimento de acordos e direitos trabalhistas pelos clubes menores, além da submissão a contratos temporários para participação em uma competição significarão uma constante superação para aqueles que não atingem os melhores postos. Esses profissionais são uma fatia considerável no quadro de atletas em que o sucesso prometido ou esperado nunca chega de fato.

Capítulo 3 – Aquecimento: o mercado do futebol

Devemos caracterizar o clube de futebol, o qual deve ser encarado como instituição político-administrativa responsável pela organização de uma equipe que compete com outras (DAMO, 2008, p. 6). Esse clube mobiliza paixões expressas no clubismo, uma modalidade de vínculo entre o torcedor e o clube, o qual se constitui dentro da socialização primária (DAMO, 2008, p. 3). O torcedor, por sua vez, realiza uma coparticipação, ama o clube e entrega-se por completo, e, por não dispor de capital futebolístico para estar em campo, vai para dar suporte a uma das partes envolvidas no embate (DAMO, 2008, p. 8).

Até o final dos anos de 1990, os times de futebol eram reconhecidos como entidades esportivas, recreativas, associações atléticas, agremiações e clubes, em que mantinham uma equipe participante de campeonatos. A organização interna sempre se manteve de aspecto amador. Com o advento da Lei Pelé (1998), os clubes passam a fazer parte constituinte do mercado, isto é, tornaram-se empresas com um corpo profissional e regras mais rígidas para sua atuação. O aspecto amador e patrimonialista dá lugar à administração formal, uma nova relação de trabalho entre clube e atleta. Ocorre maior centralidade na figura do empresário e do agente de futebol, acontece uma limitação nos postos de trabalho no mercado interno, consolida-se uma indústria de formação de jogadores e conseqüentemente baixos salários em termos médios no Brasil (SOARES, 2009, p. 3). O ‘clube empresa’ deve agora gerar e visar ao lucro, passando a realizar parcerias com investidores. A formação de profissionais e a estrutura física das entidades são transformadas com um caráter mais racional, que os coloca no mercado de entretenimento, como mais uma instituição do sistema participante do mercado da bola e sujeito aos interesses diversos envolvidos. O clube como uma empresa visa ao lucro para manter seu produto futebol, o qual arregimenta uma enormidade de consumidores/torcedores. Seus jogadores, sua vitrine, são o resultado de uma linha de produção. O celeiro, a matéria prima, está nas categorias de base, no investimento na "prata da casa", que, para o torcedor, representa sempre uma singularidade frente aos outros adversários (DAMO, 2008, p. 8).

Atualmente, os clubes têm implantado políticas internas de maior investimento nas categorias de base como reflexo das mudanças e exigências do mercado. Um corpo profissional com especialistas em diversas áreas como: nutricionistas, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, assistentes sociais, publicitários, jornalistas e administradores, entre outros, são facilmente observados no quadro funcional. Melhorias em instalações e relações com empresários/investidores fazem parte do “meio”, da atmosfera que envolve o clube empresa. Um dos resultados está na negociação e venda de jogadores brasileiros para o exterior por valores expressivos. Muitos dos jovens atletas, talentos, são negociados antes mesmo de realizarem um jogo profissional no País. Esse impacto pode ser sentido nas exportações de serviço, que, em 2005,

de um total de R\$ 16 bilhões, R\$ 6 bilhões foram com o futebol (SOARES, 2009). O sucesso das transferências ocorre devido à existência de um grande contingente de jovens adolescentes disponíveis; um forte trabalho de formação corporal; valorização do estoicismo como parte do *ethos* profissional; mudanças na regra do mercado com o fim da Lei do Passe; um tipo específico de albergamento para os jovens; descaso com a escola; uma configuração de mercado que incentiva a negociação e formação de um contingente de agentes/empresários; e um projeto bem sucedido da FIFA²¹ para fazer crescer o futebol em todas as partes do mundo (SOARES, 2009, p. 3). Os jovens acabam sendo enviados para várias partes do globo, o que reverte em retorno do investimento feito e que contribui para o imperialismo brasileiro no futebol (RIAL, 2008). Essa representatividade do Brasil se dá também pelo fato de a FIFA ter 209 países afiliados, enquanto a ONU possui 193²². Os códigos simbólicos envolvidos no futebol são compartilhados como agregadores de interesses e emoções, ao contrário das questões políticas, econômicas e culturais que estimulam disputas.

O produto esporte atingiu em 2012 a marca de 1,6% no total do PIB brasileiro, sendo o futebol responsável por 53% dessa fatia, isto é, 0,8% do PIB, significando R\$ 36 bilhões²³. Os quarenta clubes de maior expressão do país abocanham 86% desse valor. O Avaí Futebol Clube se encontra entre esses clubes e vem procurando adequação, dentro da dinâmica desse novo mercado, para ter maior participação e melhores resultados financeiros. Assim, as negociações (transações de jogadores, patrocínios, publicidade e produtos diversos), para além do clubismo e da disputa de campeonatos, impulsionam o negócio futebol fazendo-o muito rentável e de significativa importância para o “país do futebol” ou a “pátria de chuteiras”. Os jogadores mostram importância inclusive para a balança comercial, na qual, mais uma vez, se caracterizam como mercadoria.

Um episódio marcante do esporte, ao visualizarmos sua institucionalização de maneira macro, está nesta mistura constante de razão e paixão, a mobilização de um sistema de mercado e sua relação com a brincadeira, a ludicidade e a seriedade da prática. Essa junção de casa e rua que possui a capacidade de imbricar um “viver do esporte” e um “viver para o esporte” promove, ao sabor de uma indústria de entretenimento, produtos, marcas e identidades.

Para os países, o esporte pode reunir e significar valor cultural da sociedade organizada, virtude política de governo representativo e regulador, ganho econômico de setor industrial produtivo, traço de identidade e foco de imagem (...) (VASCONCELLOS, 2011, p. 183).

Essa notoriedade do fenômeno esportivo, no Brasil principalmente do futebol, ganha espaço em noticiários e programas diversos sobre a modalidade. As informações vão de treinamentos,

²¹ Federação Internacional de Futebol Associados

²² Disponível em: < <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/e-verdade-que-a-fifa-tem-mais-filiados-que-a-onu> > Acesso em: 08 jan 2014.

²³ Informação obtida no relatório da Pluri Consultoria apresentado durante o seminário “O futuro dos clubes brasileiros”, em setembro de 2012. Coletado no dia 06/02/2014, no site: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,pib-do-esporte-cresce-20-acima-da-media-nacional,931970,0.htm>; <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PIB%20Esporte.pdf>

jogos, negociações e estilo de vida dos jogadores. Esses são apresentados como trabalhadores merecedores do fruto de seu labor, aqueles que escolheram uma profissão, se dedicaram a ela e conseguiram sucesso em suas vidas. Um discurso muito comum, mas que esconde sua face ideológica, pois, ao valorizar o indivíduo, oculta-se sua máscara de produto. A valorização do indivíduo está sendo apresentada como produto, uma marca ou marcas que o apoiam. Assim, de maneira sutil, instiga, em inúmeros meninos e familiares, o desejo de ter o mesmo sucesso. Uma indústria robusta, global e ávida por garimpar pedras preciosas para serem lapidadas e depois expostas em gramados-vitrine. O atleta se torna um produto de fetichismo para a sociedade em que sua imagem será vinculada a marcas e produtos a serem consumidos.

No Brasil, o mercado da bola e a indústria do futebol²⁴, embora sempre evidenciem o sucesso dos atletas profissionais, na realidade, demonstram muita competitividade e poucos postos de trabalho com valorização econômica (BARTHOLLO, 2011, p. 2). Um exemplo está no cálculo feito por Soares (2009, p. 4), que, analisando os 500 clubes de futebol profissional no Brasil, afirma que somente 20 desses detêm 90% da preferência nacional como grandes clubes onde jogar. Isso reduz para mais ou menos 520 postos de trabalho bem remunerados. Esses números se perdem em meio às informações pontuais levadas ao grande público pelos meios de comunicação. Aquilo que se vende sobre futebol, além de sua paixão, desperta um elevado interesse e constitui um mercado de trabalho para jovens dentro de um contingente que aspira sucesso profissional (COSTA, 2012, p. 34). Porém, poucos conquistaram e poucos conquistam aquilo o que se vende como modelo de sucesso. Muitos ficam pelo caminho ou acabam em clubes de pouca expressão e conseqüentemente baixa remuneração.

A busca pelo esporte como profissão passa pelo desejo de ascensão e mobilidade social e a alta demanda de jovens que querem ingressar nessa carreira mostra que os interesses são construídos culturalmente e todo esforço é voltado para oportunidades não muito concretas e de grande concorrência. Mediante a dinâmica do futebol, o processo de peneira atual mostra que apenas 1% dos jovens que participam da seletiva é aceito (SOARES, 2009, p. 4). Então transpor o primeiro alambrado que separa o **Jogo Futebol** do **Esporte Futebol** se apresenta como um grande desafio já em seu início, afunilando-se ainda mais com a proximidade do segundo alambrado da profissionalização.

²⁴ Indústria do futebol compreende as empresas que produzem material esportivo para prática e os meios de comunicação que produzem material esportivo informativo (jornais, rádios, sites, televisão aberta e as grandes redes de televisão fechada).

3.1 - Preleção antes do jogo: estudos sobre o tema

A socialização no futebol se dá de maneira espontânea no grupo familiar, passando por vizinhos, a escola e o clube/escolinha. O gostar de jogar bola marca a diversão e o lazer. O **brincar de bola** guarda seu caráter de atividade lúdica que carrega os discursos da pedagogia do esporte envolvendo saúde, convivência, espírito de equipe, afastamento da violência e drogas. A desenvoltura corporal, habilidade e técnica com a bola passam a chamar a atenção para um maior investimento no aperfeiçoamento do futebol. Assim, o filho mais apto passa a ser lentamente apartado do grupo no que diz respeito a suas atribuições e tarefas familiares para ter maior dedicação à modalidade. Uma fase de sonho (GUEDES, 1982) na construção de uma carreira fazendo o que gosta e se divertindo, canalizado em um projeto familiar para aqueles que possuem um membro hábil com os pés (SOARES, 2009, p. 4). Entre os motivos apontados pelos quais os jovens ingressam no futebol estão: amor pelo esporte, estabilidade financeira e fama (ALMEIDA, 2011, p. 3).

Esses motivos são facilmente observados no discurso proferido por atletas, profissionais da área e que ecoa por familiares. O esporte é procurado como na fala de um avô²⁵, natural do Uruguai, que argumenta que sua importância está na saúde, uma maneira de se afastar das drogas, de manter uma atividade sadia e com interação com outros. Esses argumentos se encontram no trabalho de Zalar (1994) ao investigar um projeto esportivo em uma comunidade carente. Na fase inicial do **brincar de bola**, o ideal esportivo envolve o interesse de pais e professores, assim como o interesse dos jovens de brincar e se divertir com o esporte. A característica do esporte em apartar o jovem de riscos e violência urbana conforta familiares – evidenciando-se, no princípio, o caráter funcional da escolha – à medida que o envolvimento com a modalidade e a percepção de determinadas características físicas e corporais condizentes com a prática do futebol fazem o **brincar de bola** alimentar um sonho de **jogar bola**. O jovem e sua família começam a projetar novas atribuições à modalidade e a primeira delas diz respeito à profissão e seu suposto êxito financeiro.

A idade de 12 anos é reconhecida como uma fase de iniciação, o começo da procura por um conhecimento legitimado sobre futebol. Esse conhecimento pode ser dividido em quatro fases: a iniciação, especialização, aperfeiçoamento e manutenção (PERES; LOVISOLLO, 2006, p. 2). Dessas quatro fases, duas se encontram dentro do primeiro alambrado, a especialização e o aperfeiçoamento e, no caso da manutenção, demarca a superação do segundo alambrado, pois é o momento de manter o alto rendimento atingido na profissionalização. A iniciação é um momento de busca por escolinhas periféricas mantidas por ex-jogadores ou indivíduos com fácil trânsito no

²⁵ Um senhor já grisalho, aparentando seus 60 anos que acompanha o neto durante a peneira no Avaí. Mão esquerda apoiado no alambrado, fugindo do sol e olhando o desempenho do neto.

meio, bem como as incursões a clubes de futebol que podem levar a inúmeras viagens. Assim, o investimento familiar na carreira se inicia com a capacidade de prover recursos para o jovem aspirante participar de peneiras nas quais sua aprovação significa a aceitação por um clube de futebol. Esse fato significa, na maioria das vezes, uma separação, pois uma nova vida se impõe com a rotina de albergamento dependendo das condições do clube, fazendo o jovem viver fora do seio familiar (SOARES, 2009, p. 4).

Faz-se necessário ressaltar que para o jovem e seus pais, o **brincar de bola** refere-se ao **Jogo Futebol**, não entendem eles, até o jovem superar o primeiro alambrado, que **jogar bola** é entrar no **Esporte Futebol**, uma atividade de alto rendimento, racional a qual envolve muita dedicação, responsabilidade e, em muitos casos, como já ressaltado, separação. A carreira exige dedicação integral e extenuante trabalho corporal (SOARES, 2009, p. 2), para aquisição de um capital futebolístico (DAMO, 2008, p. 4). Esse fato foi observado durante o campo de pesquisa por meio das entrevistas com os profissionais do clube e com quatro jovens atletas. Todos informaram que, no início, jogavam por gostarem e projetavam uma carreira de jogador de futebol, mas não entendiam os sacrifícios e privações da formação, o que só acontece após estarem no clube pertencendo à categoria de base e participando ativamente dos treinamentos. As características de treinamento do futebol exigem do jovem maior dedicação ao esporte e abdicação de inúmeras atividades cotidianas (COSTA, 2012, p. 43). O período de dedicação intensa na formação pode chegar a 5000 horas de treinamento (DAMO, 2008, p. 3), nas quais o jovem investe tempo significativo, em um horizonte competitivo e de poucos postos de trabalho com valorização (SOARES, 2009, p. 2). O primeiro alambrado separa uma fronteira concreta entre dois mundos, ou melhor, duas visões de mundo em que o jovem atleta é protagonista. A família detém um papel de suma importância no incentivo e nas cobranças sejam negativas, sejam positivas. Na fase inicial, a família é coadjuvante no processo financeiro e emocional do atleta (PERES; LOVISOLO, 2006, p. 2).

Os futebolistas são recrutados geralmente em grupos populares, nos quais os pais tem pouco nível escolar. (DAMO, 2008, p. 5). Com a Lei Pelé (1998), percebe-se que acontece uma mudança no nível socioeconômico com a inclusão de um estrato social com melhor estabilidade financeira que procura o futebol para construção de carreira (ALMEIDA, 2011, p. 3). No entanto, as famílias com menor poder econômico apoiam e incentivam as escolhas esportivas e não efetuam cobranças quanto à participação financeira do membro no grupo. Costa (2012), ao comparar os dados de escolarização dos pais de jogadoras de futsal feminino, vôlei e futebol, analisa os resultados que apontam para o futsal e o vôlei como carreiras ainda mais restritas e, correlacionado com o nível escolar dos pais, a escolarização tende a ser valorizada como uma segunda alternativa para o possível insucesso esportivo. No futebol de campo, ao contrário, o estrato social marcado por

profissões subalternas e sem muita escolarização tende a não reconhecer o estudo como prioridade; os jovens, portanto, devem decidir dedicar-se ao esporte ou aos estudos, pois a opção escolhida compromete o desempenho da outra. Os jovens atletas podem assinar contratos com os clubes a partir dos 16 anos, esta situação promove uma diminuição ainda maior no interesse pela escola e simboliza uma maior proximidade com a profissionalização (BARRETO, 2012, p. 12).

O período de treinamento passa a ser mais intenso à medida que a profissionalização se aproxima, assim, a formação pode acontecer em dois turnos o que faz o jovem procurar o ensino noturno (SOARES, 2009, p. 4). Esse é um momento decisivo para o jovem e sua família, ele “necessita estar ganhando algo para jogar, pois nesta fase o jovem já pode ou deveria estar auxiliando economicamente a família” (Adriano, 27 anos) (GUEDES, 1982, p. 64). Em alguns casos, o primeiro contrato significa salários superiores aos dos familiares, e, em outros, a última oportunidade de dedicação total e plena à carreira. Em ambas as situações, a escola é repelida pelo desejo de sucesso, o que, além disso, acarreta aos mal sucedidos uma dificuldade de reconversão profissional futura (SOARES, 2009, p. 2).

A legislação brasileira “obriga” os jovens a permanecerem na escola e concluírem o Ensino Médio, o que não significa bom desempenho escolar nem ensino de qualidade. Conseqüentemente, após sua conclusão da educação básica, o interesse em continuar uma graduação não é notório, o que evidencia a fase de apenas cumprir com o exigido. No entanto, as famílias com maior nível de escolarização tendem a incentivar mais os filhos para a escola, colocando-a sempre como segunda opção viável de sucesso mediante o fracasso na carreira esportiva, e esses atletas são os que projetam fazer uma faculdade (BARRETO, 2012, p. 76). Quando há sucesso no esporte, o projeto familiar de formação esportiva pode comprometer a formação escolar (BARRETO, 2012, p. 17). Entre as escolhas a serem feitas, de maneira racional, os jovens optam pelo esporte, pois não teriam oportunidade muito diferente em uma carreira fora do futebol, o sonho representa poucas perdas para quem já não tem muitas oportunidades (SOARES, 2009, p. 8).

É então que começa o sonho. O sonho de ascender socialmente tornando-se um jogador de futebol profissional que, muitas vezes, é partilhado pela família, em especial o pai. Sonha-se tudo a que se tem direito, isto é, tornar-se um jogador da primeira divisão, num "clube grande", ter salários elevados, fama e tudo que daí deriva. A história de vida de muitos jogadores profissionais bem sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa, dá credibilidade ao sonho, na medida em que muitos deles originam-se das classes trabalhadoras urbanas (GUEDES, 1982, p. 64).

Quanto menor o capital cultural da família, maior a aposta em profissões que não dependam da escolarização (BARRETO, 2012, p. 32). Ao superar o primeiro alambrado, diferente da saída de casa em estratos médios, como nas pesquisas de Gilberto Velho (1997, p. 50), em que os membros da família muitas vezes separaram-se por motivos de conflitos e a necessidade de trilhar o próprio caminho, para depois retornar e ser recebido com status de vencedor possibilitando ser

reintegrado ao grupo. No caso dos atletas, o sair de casa já aparece como sinal de status e significativo prestígio para o jovem e sua família. Em geral, o filho inserido no clube de futebol receberá ajuda de custo ou remuneração, garante alimentação, alojamento (estadia), frequência à escola e prestígio social no local de origem (SOARES, 2009, p. 4), assim como assistência médica e acesso a bens culturais (BARTHOLLO, 2011, p. 6). O que representa, em muitos casos, uma condição melhor do que a permanência na base familiar, logo é reconhecida como um êxito profissional e a esperança de sucesso ainda maior.

Todo o sucesso na carreira de jogador depende do capital corporal adquirido com treinamento físico, técnico e tático, assim como do capital social construído durante a formação, além do atributo sorte (GUEDES, 1982). Sorte é justificativa de êxito ou do fracasso a qual exprime o aproveitamento ou não de oportunidades que surgem na construção do campo de possibilidades. Guedes (1982) apresenta uma tríade para o sucesso pautada em chance, sorte e apoio. A sorte se concretiza no aproveitamento das oportunidades e do capital social, o apoio refere-se à família, a chance é a superação do primeiro alambrado: a oportunidade de estar na categoria de base. Após superação do alambrado inicial, a responsabilidade para continuidade na carreira também passa a ser avaliada racionalmente pela comissão técnica, com base nos atributos desejados e esperados de um atleta: rigor, objetividade, liderança, maturidade, dedicação e gosto pela rotina de treinamento, autocrítica e paixão pelo esporte (PERES; LOVISOLLO, 2006, p. 5).

Outra característica observada é a figura masculina paterna ou que cumpre este papel. No passado a figura paterna, o pai, o avô, um tio, um irmão mais velho, ou mesmo o primeiro técnico procurou ascensão no esporte e teve a carreira interrompida, agora tem no filho, um herdeiro, a realização do projeto como que por procuração (BOURDIEU, 2009, p. 232). Além da responsabilidade pessoal de amadurecimento e dedicação ao futebol, alguns jovens ainda carregam o “peso” de ser uma projeção do que seu pai (a figura paterna) não foi e que agora ele pode ser. Em conversa com um pai de jovem participante da peneira no clube, enquanto nos segurávamos no alambrado, percebo esse desejo do pai em jogar futebol e que, no passado, não se realizou. Mais uma vez, o olhar do alambrado, o ponto até onde ele – o pai – chegou tem agora no filho a esperança de sucesso. O desejo de superar o projeto frustrado do passado com o atual membro da família pareceu ser evidenciado durante a conversa. Os pais geralmente são ex-boleiros amadores ou em início de formação que quase se tornaram profissionais, as histórias de lesões são as mais correntes para justificar insucesso.

Esse fato não parece ser percebido pelos jovens, no entanto os profissionais que formam o atleta alegam ser uma situação que muitas vezes pode desestabilizar um jovem devido à ânsia pelo sucesso que o pai espera, pois, nesse processo, as cobranças se intensificam ou surge um cuidado extremo com o filho para que dê certo. O desejo grande do pai em profissionalizar o filho deixa-o

vulnerável para qualquer assédio ou proposta promissora, fazendo com que leve o filho de um clube a outro, buscando melhorar a possibilidade de conquista. Essa herança passa a ser mobilizada a partir do momento em que as aptidões e características adequadas para a prática começam a ser demonstradas e percebidas como habilidades futebolísticas.

Capítulo 4 - A entrada em campo

Todo o cenário com mobiliário de interesses diversos apresentados até aqui faz parte do “meio” utilizado para o fluxo de ação humana que se desenvolve ante, dentro e sobre, no caso, o futebol (GOFFMAN, 1997, p. 34). O jovem atleta é um personagem atuando conforme sua máscara, durante interações, encontros e papéis expressos na fachada de filho, estudante e atleta. Em cada situação, conforme solicitado pela instituição família, escola ou clube, seu comportamento se relaciona com a outra instituição. No caso do atleta-filho, seu projeto e valorização como o membro circulante lhe dá status e privilégio de caráter positivo. Na situação atleta-estudante, mesmo que alguns privilégios sejam notados, o caráter negativo fica mais evidente no desinteresse pela escola. A relação filho-estudante parece colocar os papéis no mesmo patamar, no entanto depende da família e da estabilidade de tal relação.

A formação do estudante-atleta, que passa por um sonho, projeto e profissionalização, tem, no clube e no jovem, o desejo de uma atividade de alto rendimento. A escola, por sua vez, desenvolve suas atividades em paralelo. Nessa relação de mão dupla, acontecem conflitos de ambos os lados que favorecem pouco a pouco o desinteresse do estudante-atleta. O desinteresse pela escola e o banco escolar surge por vários fatores, alguns deles foram detectados em trabalho anterior, os quais são: a) a influência familiar e escolaridade dos pais; b) maior ou menor maturidade do jovem; c) maior ou menor consciência da fragilidade da carreira; d) o distanciamento dos conteúdos ensinados na escola em relação à realidade do jovem no mundo do futebol; e) a falta de acompanhamento do clube; f) a rotatividade dos jovens nos clubes de futebol, influenciados pela demanda do mercado futebolístico (DA CONCEIÇÃO, 2013). Os jovens também enfrentam percalços que mobilizam ainda mais o desinteresse. Ao participarem de uma atividade de alto rendimento e de grande exigência, podemos compará-los com o estudante-trabalhador que também sofre de cansaço físico, falta de tempo para estudo e para assistir às aulas, acrescentando-se, no caso do estudante-atleta, constantes viagens para competições, falta de motivação pelo sucesso escolar e interesse central no futebol (SOARES, 2009, p. 7).

Dessa forma, percebe-se que o jovem, ao deixar de ter interesse pela escola, terá aval e o apoio do clube para se dedicar à profissionalização (BARRETO, 2012, p. 37). A carga de treinamento dos atletas em formação equivale ao tempo dedicado à escolarização. O esforço e prioridade passam a ser canalizados para o esporte que toma tempo preponderante na vida do jovem (MELO, 2010). O jogador perde parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida, em detrimento do crescimento do controle que os clubes assumem sobre ele. Os treinamentos consomem muito tempo da vida desses atletas, numa fase em que eles não estão amadurecidos para tomarem decisões sobre o seu futuro. (BALZANO; MORAES, 2012).

No trabalho de Bartholo et al. (2011), que compara a formação esportiva em clubes brasileiros e espanhóis, a participação nas instituições escolares parece muito semelhante em ambos os países, podendo se dizer que quase 100% dos jovens estão matriculados na escola. Isso descaracteriza o esporte como promotor de desistência escolar. A diferença entre ambos os países se encontra na quantidade de horas destinadas ao treinamento. A frequência no Brasil é de 6 dias semanais de treinos e competições, contra 4 na Espanha. De maneira distinta da brasileira, alguns clubes europeus citados²⁶ no trabalho de Moita (2008) já estão procurando uma melhor formação plena do jovem, destacando sua formação educacional. Assim, surgem as Academias de Futebol, centros de treinamento que desenvolvem trabalho técnico, tático, físico, nutricional, emocional/psicológico, vocacional e comportamental. O objetivo da Academia é uma formação mais holística, trazendo a escola para dentro do clube (MOITA, 2008). No entanto, apenas aqueles que superaram o primeiro alambrado usufruem o modelo da Academia. Até o momento da seleção, a escolarização é responsabilidade do jovem, seus pais e do sistema de ensino. Ao comparar a formação de atletas de futebol no Brasil e na França, Damo (2005) percebe que o mercado da bola possui um padrão hegemônico compartilhado, mas as características internas de regulamentações e maneiras de fiscalização são singulares e culturais. Enquanto na França se faz necessário diploma e certificado para atuar como profissional nas várias frentes de formação, no Brasil, o saber acumulado com a prática no caso de ex-boleiros aparece como requisito válido²⁷, o que supostamente com graduados ganharia outro tom. Assim, uma hipótese pode ser levantada, pois os ex-boleiros que vivenciaram período anterior sem grande ênfase na escola continuam a reproduzir a mensagem de não importância aos estudos. A formação de craques brasileiros com um capital corporal que passa pela conformação cultural, também expressa uma historicidade em que a escola pública e de qualidade para um estrato da sociedade sempre esteve à mercê de debates. Sua não efetividade direcionou inúmeros grupos a buscarem profissões que privilegiavam a experiência prática em vez de certificados e títulos acadêmicos. Tais especificidades do futebol brasileiro no quesito formação devem ser comparadas com outros países que compartilham sua realidade, pois as questões culturais europeias diferem na atenção à escola e tempo de treinamento como demonstrado, assim como a estrutura esportiva norte americana baseada no modelo escolar e universitário.

A proposta agora é analisar um pouco do meio e como os jovens desenvolvem os signos presentes na “fachada pessoal” (GOFFMAN, 1997, p. 35). Estes estão no cabelo, nas roupas, no

²⁶ Clubes citados no trabalho: Ajax FC, Manchester United FC, Sporting CP, Fulham FC, Bilbao, FC Barcelona e Manchester City FC.

²⁷ É necessário ressaltar que com a regulamentação da profissão em 1998, o diploma para atuar como profissional de educação física nos clubes no Brasil passa a ser uma exigência, o que tem levado os técnicos à progressiva adequação.

andar e nos acessórios, eles são os símbolos que demarcam um meio, no caso, o campo futebolístico. São como parte da atmosfera que, transladada pelo indivíduo durante a *performance* de sua máscara, percorre espaços, entre eles a escola. A aparência (LE BRETON, 2007, p. 77) marca o estrato social e profissional do indivíduo, o local de onde vem ou fala. Os modos de comportamento na sala de aula demonstram que o jovem não está disposto a seguir aquilo que lhe é transmitido pelo professor. E mais que agressividade ou submissão, sua postura de indiferença caracteriza o desinteresse na escolarização. Assim, sua fachada social (GOFFMAN, 1997, p. 39), uma representação coletiva afirmada pelos estereótipos, sai do meio futebolístico e invade os espaços públicos, onde são facilmente identificados como jovens futebolistas.

4.1 - A hora do jogo: a descrição do campo

Ao ler recentemente a biografia do jogador Leônidas da Silva (1913-2004), escrita pelo jornalista André Ribeiro (1999), posso perceber alguns elementos que o fizeram atingir o ápice na carreira futebolística e que são marcas do imaginário de sucesso. Leônidas é um ícone interessante do futebol brasileiro que obteve reconhecimento nas décadas de 1930 e 1940. Vivenciou a passagem do amadorismo no futebol para a profissionalização. Também por causa de sua cor experienciou a rejeição do negro e do mulato dentro de um esporte de elite. Foi peça importante para exaltação da cor como diferencial da nação que se reconhecia no futebol. Nascido em 1913, o jovem Leo, como chamado por sua mãe, sempre gostou de bola e, conforme o relato, tudo virava bola para ser chutada. Lembramos que o Brasil a pouco entrara em uma nova ordem política republicana, e o futebol era uma prática de elite com seus ideais e (por que não) cerimoniais. No final da década de 1920, o jovem Leônidas se insere no futebol por meio de seu pai adotivo, que indireta e depois diretamente se relacionava com um clube do subúrbio carioca. Logo em seguida, os observadores indicam o jovem para um clube onde desponta por sua versatilidade e facilidade de dribles desconcertantes.

Os elementos na trajetória futebolística de Leônidas da Silva são apresentados como modelo para construção social de um craque. O fato de sempre gostar de bola, uma técnica corporal para o esporte aperfeiçoada nas ruas do subúrbio carioca onde morava. Seu pai adotivo servia como um boleiro que, mesmo não praticando o esporte, sempre esteve em contato próximo com o clube do subúrbio e admirava vários jogadores. Sua mãe sempre o incentivava aos estudos, mas percebia uma rebeldia para com a escola. Leônidas foi um dos jogadores negros precursores que não precisou esconder sua pele para ser valorizado no futebol. Na verdade, esse ponto era exaltado como condição para sua capacidade futebolística, situação que marca a origem dos “bons”

jogadores brasileiros. Sua trajetória de ídolo esportivo está repleta dos fatores que fazem um jovem e sua família entrarem no mundo do futebol. Entre eles o gosto de **brincar de bola**, um familiar próximo ao futebol, uma inadaptação à escola, um sonho de recursos financeiros com o esporte, e, se posso dizer, a construção de um mito de origem, o subúrbio carioca. Os pontos percebidos na vida de Leônidas hoje são presentes na carreira dos jovens meninos como um espelho. A ligação com os clubes de futebol por meio da figura paterna possibilita um trampolim para contatos e indicações para dar passos na carreira esportiva. O fato de a mãe ser a representante da família que mereça respeito e devoção com o desejo do “contra dom” (DAMO, 2005) de dar lhe uma vida confortável, também é característico. Dessa forma, a representação de jogador se perpetua com exemplos clássicos como o de Leônidas. Atualmente, como identificar quem dará certo ou não? Quem são os jovens atuais? Sua trajetória? Suas relações? Suas desistências? Seus desafios?

Na busca por responder essas perguntas, inicia-se o relato do campo, com a inserção das entrevistas que são tratadas de maneira a clarear o entendimento das situações presenciadas. Começo pelas entrevistas e em seguida apresento algumas das descrições de minhas observações no Avaí F. C. e na Escola Idelfonso Linhares durante o ano de 2013.

4.2 - A coletiva: os entrevistados

Como apresentado anteriormente, a recepção no clube foi muito satisfatória e agradável. Os profissionais envolvidos sempre estiveram dispostos a auxiliar e clarear as dúvidas e questões que surgiam. As conversas com o setor psicossocial, com a coordenação da categoria de base e com os atletas, aconteceram sempre no mesmo lugar: uma sala, ao lado do escritório do setor psicossocial. Ao entrar no clube, passando pela recepção, é possível ver, em uma parede ao fundo, uma escada de ferro azul, a sala está localizada embaixo das arquibancadas destinadas aos sócios do clube. A sala, relativamente pequena, é toda em tijolinho à vista. Dentro, duas escrivaninhas, uma para a Assistente Social e outra para o Psicólogo, à frente, cadeiras para que o atendimento e acolhimento sejam realizados. Atrás de cada um, pequenas estantes com manuais, alguns livros e muitos papéis. Em suas mesas, há espaço para o computador, vários documentos e lembretes de tarefas. Tanto o Psicólogo quanto a Assistente Social não trabalham em período integral no clube, são horistas, cumprindo a jornada de 20 horas semanais correlacionada com a organização do calendário das equipes, pois precisam que os jovens estejam no clube para um contato mais direto. Um dia em que geralmente se encontram nas dependências da entidade é a segunda-feira, quando recebem o calendário de treinos e viagens dos jovens. Nessa pequena sala, os primeiros contatos com o clube foram então negociados.

Nossas conversas mais informais e apresentações aconteceram nesse espaço talvez mais público, pois todos os jovens, familiares e outros profissionais do clube chegam até ele. No caso específico das entrevistas, ao lado dessa sala, existe outro espaço maior. Uma sala utilizada pela comissão técnica de base e que foi “desativada” e deixada para a equipe do psicossocial realizar suas reuniões e conversas mais privadas. Nela há algumas cadeiras, uma mesa redonda no centro, um *banner* sobre os propósitos do clube e placas comemorativas. Uma grande janela com uma película azul garante privacidade para quem está dentro, ficando longe dos olhares daqueles que estão no estacionamento. Uma vista de parte do aeroporto e do bairro se faz possível. As paredes são brancas com boa iluminação e pouco barulho externo se pode ouvir.

Quando da conversa com a Assistente Social (AS), marcamos para o final de tarde e, ao começarmos a entrevista, houve falta de luz, fazendo com que a iluminação ficasse prejudicada. O tempo foi passando e a luz natural diminuindo e, por opção da entrevistada, continuamos a conversa praticamente com a luz da tela do computador portátil. As informações foram muito interessantes a respeito do estudante-atleta, o desafio da AS em lidar com meninos que demonstram não ter interesse pela escola norteou as alegações. Conversamos sobre minha pesquisa e inclusive solicitou referências para estudar e entender mais sobre os jovens no meio do futebol. Essa é sua primeira experiência no futebol, atuando há três anos e meio no Avaí. A atribuição primordial da AS é receber o jovem aprovado a integrar o grupo de jogadores e providenciar sua documentação, fazendo a mediação com familiares e a matrícula na escola.

A segunda entrevista, com o Psicólogo (PSI), se deu na mesma sala. Ao chegar no local, ele pareceu ter esquecido de nossa conversa, mas manteve seu compromisso e falamos longamente sobre suas tarefas, atribuições e percepções do meio futebolístico. Com experiência de cinco anos com psicologia do esporte, está a um ano desenvolvendo trabalho no clube. Ex-atleta de surf e natação, acredita que esse fato seja favorável para compreender a realidade dos jovens atletas. O pouco tempo que tem para realizar seu trabalho no clube (20 horas semanais) fica caracterizado pela grande procura de jovens, durante a entrevista, querendo solucionar alguma situação. Sua atuação envolve o processo de maturação, personalidade, sexualidade, relações familiares e outros assuntos que são inerentes à fase em que o jovem se encontra. Todas as intervenções guardam o caráter psicológico. Durante a entrevista, PSI deixou claro que falava de um lugar específico, mediando bem as palavras e argumentado com conceitos da área em que atua. Possui uma consciência da realidade dos jovens e do clube, mostrando-se mais aberto para falar de questões sobre a sexualidade no futebol.

A terceira entrevista, realizada com o Supervisor das categorias de base (SUP), ocorreu em data marcada às vésperas de um evento no clube que envolvia várias escolinhas de futebol vinculadas ao Avaí. O SUP estava muito atarefado, organizando listas de jovens, recebendo

ligações, providenciando materiais para divulgação, organizando horários e ainda conversando com um pesquisador. Encontramo-nos fora do clube, ele estava muito mais simpático do que outras vezes. Perguntou sobre meus objetivos novamente, interessou-se pelo tema e começou a fazer apontamentos espontâneos sobre como o clube percebia a categoria de base frente à mentalidade implantada atualmente. Ele estava muito ocupado e os dois celulares não paravam de tocar. Dirigimo-nos falando sobre a trajetória dele como profissional de Educação Física formado pela UDESC²⁸, com passagens pelo Internacional de Porto Alegre e o Fluminense do Rio de Janeiro. Atualmente completa um ano no Avaí, o qual preferiu por ser catarinense, ficando mais próximo da família. Parece gostar de ressaltar que faz dois anos que houve uma mudança de mentalidade do clube em relação às categorias de base. Andamos um pouco e chegamos à mesma sala junto ao psicossocial, que, em suas palavras, era um local mais privado dentro do clube, pois, se estivesse em sua sala junto às categorias de base, não teria sossego algum. As categorias de base contam com quatro profissionais ligados à Coordenação. Um coordenador geral que tem a última palavra nas decisões, um coordenador técnico responsável pela avaliação dos jovens, contratação e dispensa, e dois supervisores, um que cuida da logística e outro operacional, função do entrevistado. O clube não conta com um setor de captação de atletas e os membros da coordenação se revezam e auxiliam na função, assim como outras inúmeras atribuições como viagens, chefia de delegações e trâmites burocráticos.

No caso dos atletas, após conversa com a AS, ficou definido que o clube disponibilizaria três ou quatro atletas para serem entrevistados. Marcamos um dia no final de tarde, logo após a janta dos jovens, um momento em que não teriam aula. Cheguei no horário, dirigindo-me para o local, a AS, após alguns minutos, trouxe três atletas. Depois de iniciadas as explicações sobre meu propósito, outro atleta foi incluído na entrevista. Também por opção do clube, os quatro foram entrevistados ao mesmo tempo. Os atletas selecionados são:

- Paulo, 17 anos, meia, principal característica passe e finalização, natural de Laguna/SC, com passagem por Triunfo/SC²⁹, Fluminense/RJ e Figueirense/SC. Em casa, tem pai, mãe e uma irmã. Os pais têm uma pequena lavanderia e ambos concluíram o Ensino Médio.
- Carlos, 16 anos, atacante, principal característica velocidade, habilidade e resistência, natural de Goiânia/GO, com passagem por Goiás/GO e Aparecidense/GO. Em casa tem mãe, padrasto e uma irmã. O padrasto tem uma pequena loja de roupas e um ponto de táxi, e a mãe é recepcionista em um hospital. A escolaridade dos responsáveis é Ensino Fundamental para o padrasto e a mãe concluiu o Ensino Médio.

²⁸ Universidade do Estado de Santa Catarina.

²⁹ Clube não profissional filiado à liga florianopolitana de futebol com histórico de preparar jovens para profissionalização, possui categorias de base e time principal. Disponível em: <<http://www.triunfo.esp.br/Revelacoes>> Acesso em: 04 fev 2014.

- João, 16 anos, atacante, principal característica drible, velocidade e jogo pelas pontas, natural de São Paulo/SP, com passagem por São Bernardo/SP. Em casa tem pai, mãe e um irmão. O pai é cozinheiro e a mãe, doméstica. A escolarização do pai é o 5^a ano do Ensino Fundamental e da mãe Ensino Fundamental.
- Tiago, 16 anos, volante, principal característica pegada³⁰ e toque de bola, natural de São Paulo/SP, com passagem por Corinthians/SP e Portuguesa/SP. Em casa tem pai, mãe, conta com mais quatro irmãos casados. Os pais são comerciantes e ambos concluíram o Ensino Fundamental.

Os quatro atualmente moram no alojamento do clube e iniciaram suas carreiras no futebol entre os 14 e 15 anos. No primeiro momento, os jovens pareceram cautelosos, mas não desconfortáveis. Impressionou-me a maturidade com que encararam falar dos temas, talvez esperassem mais dificuldades em responder aos questionamentos. Todos demonstraram sinceridade e a presença de um discurso institucional muito forte. Esse discurso institucional não é só relacionado ao que o clube proporciona, mas institucional na cultura do futebol, com marcadores já consensuais sobre família, formação constante no esporte e da importância da escola.

Um fato que demonstra a inserção do pesquisador no campo foi no momento da conversa com os atletas, a mesma transcorria quando a AS, que não esteve na sala participando da entrevista, veio entregar a chave da porta para que no final deixasse na recepção. Uma simples situação que entendo ser mais um episódio, que, no momento, serviu como uma baliza de confiança no trabalho realizado.

As entrevistas todas foram feitas em períodos distintos com certo tempo entre uma e outra, à medida que os horários dos profissionais favoreciam de acordo com suas agendas. Todos os personagens envolvidos que foram entrevistados possuem e desempenham papéis sociais distintos dentro do grupo. As conversas possibilitaram perceber a rede de significados e simbolismos que são compartilhados e que mantém a mediação nos objetivos de projetos individuais e coletivos. As trocas que são vivenciadas pelos personagens contribuem para formação de profissionais para indústria do futebol. Cada olhar e discurso proferido demarcam um lugar e uma posição na cadeia de produção dessa indústria. A preocupação do psicossocial em acolher o jovem em alguns momentos parece esbarrar no objetivo racional da produção de talentos, assim como os sujeitos atletas que se movem entre sua humanidade e sua coisificação.

Os nomes dos atletas apresentados no trabalho são fictícios, no caso dos profissionais entrevistados, os nomes foram substituídos pela posição/função que ocupam. Entendo que, no caso dos últimos, mais que nomes, a máscara, o papel social acaba por carregar discursos e atribuições a

³⁰ Pegada é uma característica reconhecida como de grande virilidade e força física. Geralmente a posição é de meio campo recuado (volante), jogando à frente dos zagueiros, sua atribuição é o desarme, a anulação das jogadas adversárias.

executar no meio futebolístico. Portanto, os designar pela profissão parece expressar como as relações são construídas e mediadas por esses sujeitos.

4.3 - O apito inicial: a interpretação dos dados

Na entrevista com PSI do clube, ele entende que o futebol, assim como o Brasil, é multicultural. Por isso, focar em um estrato social específico não parece dar conta da gama de jovens que superam o primeiro alambrado e iniciam a formação. Uma tendência, segundo o SUP, são os jovens de classe média baixa que procuram no futebol uma carreira. Esse fato corrobora com a etnografia de Wacquant (2002) no meio do boxe, em que constata que os representantes mais exóticos da modalidade recebem maior reconhecimento por saírem das frações mais deserdadas do subproletariado. Mas, na verdade, os boxeadores, em sua maioria, são recrutados no interior das franjas da classe operária, nas bordas da integração socioeconômica estável (WACQUANT, 2002, p. 61). Esse fato também foi estudado por Rial (2008), que constata não serem os miseráveis que ascendem no futebol. Ao grupo de sujeitos que superam os desafios da formação, é-lhes atribuída uma característica de resiliência, uma capacidade de suportar e adaptar-se aos desafios da jornada sem perder-se completamente nela. Para isso, faz-se necessário o mínimo de recurso financeiro para viagens, compra de equipamentos, manutenção da rede de contatos e uma estrutura familiar básica que garanta apoio e incentivos.

A família assume destarte um papel primordial, mas que, segundo o SUP, nos jovens a ideia carrega diferentes significados. Há meninos que não querem voltar para casa devido às condições que encontram lá, e, por outro lado, existem aqueles que sentem muito a ausência dos familiares, não suportam ficar longe. Este fato se expressa na fala do Carlos, 16 anos, afirmando que geralmente se conta que o jogador morre duas vezes, uma quando para de jogar e a outra quando vem a falecer. Para ele, cada vez que tem de sair de casa é uma morte, pois larga família, amigos, namorada, escola e etc.

O significado de família para um grupo social ou universo particular está vinculado a outros significados e supõe-se, falando de cultura, que de alguma forma estes constituem um todo mais ou menos sistemático embora não necessariamente ajustado ou harmonioso. (VELHO, 1997, p. 71)

Os variados significados atribuídos à família encontram no momento da separação algo sentido por todos os jovens. A saída de casa constitui por si só maior encargo, “ser responsável por seus atos, quase se tornar um adulto”, diz Tiago de 16 anos. “A família é a base de tudo”, comenta Carlos, que sempre o ajudou e sem esse apoio seria muito difícil. O desejo do jovem é virar profissional para tirá-los da miséria, como expressou durante a entrevista. No começo da carreira,

os jovens atletas alegam que não entendiam a ajuda e apoio do grupo familiar, nas palavras do Carlos não “davam valor”. Agora, vivenciando o **Esporte Futebol**, os momentos de desânimo e desejo de desistência são superados ou esquecidos quando se lembram dos sacrifícios feitos pelos familiares, isso os incentiva a continuar. Todo o incentivo inicial da família, o projeto familiar, ganha novos contornos quando o atleta se insere na formação, o apoio tem outra conotação a de responsabilidade com os seus. Uma forma de retribuição é a permanência na jornada, um desejo de contra dom que traz consigo a alcunha de empenho, dedicação, sacrifício e disciplina constante, assumindo a pressão como uma responsabilidade.

O PSI procura trabalhar essa relação da família, que parece ser uma demanda constante em seu trabalho, principalmente nos momentos de desânimo dos jovens. Este fato de dar valor é sempre motivador e mobilizador para superação dos desafios. A ocorrência preocupante que o PSI diz acontecer muito é o jovem atleta se tornar “órfão de pai”. Acontece quando o próprio pai passa a ser o empresário, ele deixa de ser pai, de expressar emoções, de se preocupar com o seu filho. Ser um empresário desqualificado traz como consequência o não saber negociar a futura carreira do atleta, além de aumentar a exigência de cobrança sobre o filho. Em razão desse fato, muitos meninos que chegam ao clube, em vários casos, estão sem a escolaridade ideal devido à falta de acompanhamento nos outros clubes. Muitas vezes eles “amanhecem” no Avaí, como alega a AS. Esse é um desafio a mais, pois, no geral, a documentação também não está organizada, alguns jovens circularam por dois ou três clubes no mesmo período escolar, e os profissionais do Psicossocial precisam organizar as informações, documentos e efetuar a matrícula do jovem na escola.

“No país em que vivemos, todos jogam bola”, diz Carlos, “inclusive se você não gostar do esporte será discriminado”. O gostar de futebol envolve a expressão e a tradição do país na modalidade, além da falta de investimento em outros esportes que não recebem a mesma visibilidade diminuindo o campo de escolha dos jovens, alega o SUP. Os ídolos, jogadores profissionais, são o exemplo que os meninos seguem, diz o SUP, eles o seguem na forma de vestir e agir em determinadas situações. Os ídolos são, em geral, aqueles que têm espaço na mídia, os bem-sucedidos é onde os atletas em formação querem chegar, “sonham com os salários de milhões”.

No momento inicial, os jovens contam com a vontade de **brincar de bola**, a decisão na formação é externa, partindo da família ou de empresários (olheiros) que percebem um diferencial nos meninos, diz o PSI. Assim, começam a carreira e, quando estão dentro, entendem o que é ser atleta. O estar dentro do primeiro alambrado em busca da profissionalização requer seguir a projeção de treinamento estipulado pela comissão técnica e se privar de muitas coisas que os jovens “comuns” fazem. O jovem João afirma que “o futebol se torna caminho quando se sai de casa, a partir desse ponto, a cobrança passa a ser muito maior, mostrando outra realidade”. Carlos também

fala sobre o fato de que nem ele e nem a família imaginarem a proporção que tomou a carreira e tudo que está envolvido. Em maior ou menor grau, a mentalidade dos jovens muda na assinatura do primeiro contrato por volta dos 16 anos, pois incide maior responsabilidade, ganhando um caráter de trabalho, explica o SUP.

Para o SUP, no futebol, aprende-se esperança de vida, uma oportunidade de renda, um trabalho dinâmico não rotineiro, pensado em oposição a trabalhos burocráticos ou com rotinas que limitem a criatividade. Afirma que a preocupação e necessidade ferrenha de incentivar a ida à escola, ao curso de informática são formas de preparar os jovens para o futebol e também para melhor assimilarem o fracasso que é parte da formação. “Com o tempo de trabalho, criamos um carinho pelos jovens, mas sabemos que nem todos chegarão” (SUP).

Ao indagar os entrevistados sobre o que faz um jovem chegar a ser profissional, as respostas convergiram para: dedicação, respeito, comprometimento com o clube e a escola, biótipo, técnica (lhe atribuem grande peso), disciplina, inteligência (oposto do jogador “burro³¹”), comportamento, aspectos educacionais (boas maneiras). Capacidade de comunicação, o saber ouvir, saber falar, aguentar pressão, concentração e espírito de equipe. A questão disciplinar vai além do campo de jogo, segundo o SUP acontece uma avaliação muito criteriosa desse aspecto. Os que melhor se adaptam e assimilam os treinamentos suportando as exigências, demonstrando maior resiliência, atingem o objetivo de superar o segundo alambrado (SUP; PSI).

Na fala do PSI, a CBF³² tem incentivado os “3 C’s”. São eles: comprometimento, caráter e capacidade. Se os atletas não forem possuidores desses atributos não farão parte das categorias de base da seleção brasileira. Assim, um movimento para melhorar e crescer o processo de formação começa a se desenvolver, no entanto, depende dos clubes e dos profissionais formadores. O PSI alerta sobre a transição da categoria Junior (sub-20), a última antes da profissionalização, que envolve outras relações, outros espaços e o circular por grandes festas. A preparação anterior fortalece o jovem para essa nova realidade. Os Juniores já são profissionais, quanto mais cedo, melhor será a educação tática e técnica, além do condicionamento físico que culmina com a carga de treinamento, explica o SUP, para validar a importância do processo de formação até a profissionalização. No clube, dentro do espaço institucionalizado, o atleta dispõe de preparador físico, psicólogo, treinador e vários outros itens que o fazem virar um atleta. Essa situação e outras condições de mercado, segundo o SUP, impedem que jovens iniciados em idade mais avançada atinjam a profissionalização.

O PSI entende que o contato com a escola, o viver em alojamento, o participar de uma nova dinâmica de grupo e a distância da família fazem parte de uma escolha feita pelos atletas. O atleta

³¹ Jogador que não tem disciplina tática, visão de jogo, pode desperdiçar energias correndo desnecessariamente em campo e não possui controle emocional em campo.

³² Confederação Brasileira de Futebol.

de alto rendimento tem que abdicar de festa, praia, contato com a família, namorada, noite, cinema, churrasco e etc, segue dizendo o PSI. Na verdade, afirma que a legislação entre o dito e o feito guarda uma dura diferença de realidade, pois o esperado na formação guarda certo distanciamento entre o proferido pela legislação. Atualmente, “os atletas são o produto da profissionalização e você pode ver o clube que trabalha formação e o que trabalha rendimento”, completa. Duas categorias são apresentadas pelo PSI: os “**atletas de formação**”, aqueles formados dentro das categorias de base com estrutura e condicionamento tático. E os “**atletas de característica**”, são aqueles com qualidade técnica e tática que superam as exigências formativas. Os atletas entendem que aprender a ser disciplinado é algo útil para vida, o futebol os ajuda a ter comprometimento e uma atitude de correr atrás daquilo que desejam (metas). No entanto, Carlos encerra sua fala dizendo: “o futebol é uma faculdade que ninguém sabe se vai se formar”. (sic)

Ao conversar sobre a infantilização dos atletas em oposição à maturidade exigida para tomadas de decisões, o SUP afirma que fabricamos a parte lúdica e de brincadeira. Em seu entendimento, os garotos não podem perder a infância. O PSI, por sua vez, faz um alerta à brincadeira durante um treinamento, faz parte do próprio programa, isto é, ela mantém seu caráter de trabalho. A atividade guarda um fim de utilidade na lógica do treinamento e não pode ser encarada como um momento de lazer e diversão, que acontece fora do ordenamento institucional.

Os atletas diferenciam a brincadeira da alegria em campo. O **brincar de bola** era quando se jogava na rua. Nesse instante, “todo mundo é jogador, agora atletas são poucos” (JOÃO), pois esse grau só atinge quem entra no **Esporte Futebol**. A brincadeira, no geral, é sem compromisso e não tem cobrança. Por outro lado, no clube, a situação é diferente, já que a seriedade e racionalidade das ações ditam o ritmo das tarefas. O PSI complementa com sua fala afirmando que “quem brinca de bola jogando será jogador, ao contrário, quem joga brincando se perderá no caminho”. Para jogar, é “preciso ter alegria, satisfação no que faz”, diz o atleta Tiago. Alegria, conforme expressada pelos atletas, é diferente de brincadeira, que não é possível tê-la no ambiente de trabalho sério. Esse discurso institucional presente na fala dos meninos e dos profissionais também mostra a tensão existente entre um setor preocupado com a formação e outro com o rendimento. O SUP afirma que criança tem que brincar, mas, ao mesmo tempo, ter maturidade de entender que é uma marca do clube. O como, quando e onde demonstrar a postura condizente fica a cargo do psicossocial que tem atribuição de orientar os meninos nessa empreitada entre o brincar de bola e o jogar bola.

Os atletas associam o termo trabalho a compromisso, dedicação e respeito. A escola é adjetivada como importante, um aprendizado. O treino ganha um peso diferenciado na medida em que recebe a alcunha de mais importante ainda. A competição reflete o resultado do treino. Nas palavras da AS, para o jovem, treinar é bom, ele gosta de treinar, lá ele se identifica, diferente da escola, onde não se identifica. O treinador no campo cobra rendimento, e a professora cobra o que

ele detesta. A competição faz parte da índole do ser humano, assim entende o SUP, a disputa se faz inerente pela conquista da vitória e o jovem é observado no seu desejo de mostrar serviço sempre. O PSI entende que o treino se relaciona a um gostar do que faz, motivar-se. Já a competição é o momento de colocar em prática o que se treinou. Os atletas concluem dizendo que “treinar é a preparação para o que se tem de fazer para virar profissional” (JOÃO). “Não aprendemos futebol no clube, aprimoramos para estar preparados, somos lapidados para chegar ao profissional”, finaliza Paulo. O atleta Carlos afirma que “jogar é profissão, somos cobrados o todo tempo, se tá mal (física ou técnica) tem que melhorar ou vai embora. Vivemos de disciplina e dedicação, quem está de fora acha que é um lazer e não sabe o que a gente passa aqui”.(sic)

A opção pelo futebol se dá de forma racional pelas exigências e demandas construídas na medida em que os jovens avançam no nível de empenho e dedicação à modalidade. Refletindo no campo da possibilidade, esse fato coloca pouco a pouco outras esferas em segundo plano, no primeiro momento, a ruptura do contato familiar, das amizades primárias e, por fim, o interesse pela escola. A construção ou formação de um jogador profissional passa por desistências, situações que possam descaracterizar ou inibir o objetivo almejado. Quanto mais próximo à profissionalização, maior o campo de possibilidades e conseqüentemente mais fácil romper relações ligadas ao papel de jovem. Constitui-se na consolidação de um *ethos* profissional para encarar a superação do segundo alambrado.

A fragilidade da profissionalização, conforme a AS, pode ser percebida no estado de alerta para o risco do fim da carreira, principalmente quando o atleta tem um amigo próximo sofrendo com contusão. Outro fator de precaução está na fala do Paulo, lembrando que caso se machuque dentro do clube receberá toda assistência, se for fora, “um abraço³³!” O atleta Paulo conhece essa realidade, pois já passou por uma intervenção cirúrgica no joelho. Os atletas, durante a entrevista, expressam que a contusão é uma quebra na sequência de treinamento e da evolução. No geral, o sentimento é de estagnação física e tática enquanto os colegas continuam seu desenvolvimento. O jovem Carlos relata que, quando alguém está mal na parte física ou técnica, precisa se dedicar e esforçar mais, agora, quando a contusão acomete o atleta, ele não tem o que fazer, é necessário aguardar no “DM” (Departamento Médico). A conversa com os colegas muda, diz Paulo, “todos estão treinando e você está parado”. Paulo, que enfrentou um período de contusão mais séria, descreve o momento como de reflexão, no qual se pensa sobre parar de jogar. Para suportar mais fielmente as orientações e pressões do momento, a lembrança da família motiva a permanência no **Esporte Futebol**. Como já identificado anteriormente o significado atribuído à família durante a trajetória da formação, tem no primeiro momento o apoio alimentado pelo sonho de mudar a vida dos integrantes do grupo, e no segundo momento assume a responsabilidade de cobrança interna de

³³ Expressão usada para significar ficar por conta própria, ou melhor, sem cobertura da assistência médica do clube.

não desistência devido as ações realizadas pelo grupo familiar até o momento. Ambos os sentidos, como um motor de dois pistões (em um lado apoio e auxílio, noutro responsabilidade e cobrança), em um movimento constante movem o jovem para desenvolver cada vez maior resiliência durante sua formação. Desta forma passam a tolerar as privações e as distâncias adquiridas com a carreira. “Tem que suportar a dor pensando na família, não estamos aqui à toa! É para profissionalizar, ser alguém na vida” (João, 16 anos).

Este fato de aguardar no Departamento Médico exige muita atenção dos profissionais que atuam com o jovem, pois segundo o SUP e o PSI é muito comum alegarem melhoras, suportando dores e escondendo contusões. Todos os atletas sabem que o tempo passa muito rápido, as competições seguem uma sequência e as mais importantes significam olhares e oportunidades diversas. Mesmo na categoria de base, a posição de titularidade na equipe significa maior visibilidade, logo, esconder dores e contusões é comum. O trabalho desenvolvido pela comissão técnica envolve uma programação para diminuir, evitar lesões e desgastes. O SUP indica que são aconselhados a não jogar pelada na rua, e que também são liberados das aulas de Educação Física na escola. Tudo é pensado dentro de uma projeção de carreira e que envolve um dentro e um fora de campo. Essa relação entre um espaço e outro de acordo com o PSI requer muita atenção, pois no “alto rendimento, treino é trabalho”. Muitos atletas acabam desenvolvendo um ascetismo esportivo muito intenso. Conforme as indicações os **atletas de formação** tendem a se cuidar mais, diferente dos **atletas de característica**. O PSI ainda lembra que, em ambos os grupos, depende da maturação do jovem frente às escolhas que deve fazer. Caso não correspondam às expectativas, são descartados como qualquer produto que na linha de produção não satisfaça as exigências dos níveis ideais de qualidade.

O treino exige empenho do atleta ao se preparar para as competições. Um fator inerente à ferramenta de trabalho, corpo, pode ser identificada como a dor. O antropólogo David Le Breton descreve a dor esportiva como a matéria prima da obra realizada no corpo (LE BRETON, 1999, p. 258). O PSI relembra que a intensidade da dor é diferente em um atleta, se comparado com uma pessoa comum. A dor nos atletas tem outros significados como: uma atitude particular de resistência ao esforço e à fadiga; uma luta interior contra o sofrimento; acrescenta rendimento aumentando pouco a pouco sua resistência; um sacrifício consciente; um pagamento simbólico de endurecer para o grande dia (LE BRETON, 1999). Além de privações, a profissão de atleta envolve a superação de si mesmo, superação no corpo. O “corpo no social” é transpassado por questões socioeconômicas, étnicas e culturais, e como “corpo ferramenta” deve ser melhorado e aperfeiçoado dentro de uma racionalidade sobrepondo-se ao dentro do campo e se estendendo para espaços longe do meio futebolístico. A exigência sobre o “corpo ferramenta” faz com que a máscara de jogador seja fixada no sujeito, por meio de um ascetismo atlético, o qual o acompanha nas diferentes esferas sociais.

Estendendo-se para além da esfera do clube, na mídia, ganha a alegação de figura pública, algo muito comum. Na verdade, o corpo é sua ferramenta de trabalho, ele não pode deixá-lo de lado como um jaleco, em consequência, o meio do futebol avança entre as esferas sociais e os papéis são engessados pela máscara de esportista.

A identificação dos jovens em sua fachada pode ser marcada no uso de calça jeans apertada, os acessórios esportivos, fones de ouvido e o corte de cabelo (embora no Avaí haja regra quanto ao corte ser mais discreto). As regras impostas aos jovens quanto ao padrão de comportamento, segundo a AS, servem para evitar rótulos. Na escola, os atletas são reconhecidos como os “meninos do Avaí”, o que atribui um caráter homogêneo, dissimulando nomes e trajetórias distintas. Devido às tensões no ambiente escolar, os atletas acabam se relacionando entre eles. Preferem conversar dentro do grupo de jogadores. Isso faz com que os não atletas encarem como uma afronta, pois os jogadores são antipáticos, arrogantes e metidos. O jovem Carlos apresenta outro lado para tal comportamento. Seu argumento traz o receio de alguém que pode ser encarado como *outsider*, de fora. “Estamos na cidade deles, jogando no clube deles, pegando as meninas deles”. Assim, o fato de evitar contato com os jovens não atletas é uma medida de autoproteção, pois, como explicado anteriormente, diante de qualquer reclamação ou situação encarada como indisciplina, o atleta pode ser cortado do clube. Além disso, toda ação fora da normalidade dentro do espaço escolar se refere a provocações ou desajustes dos “meninos do Avaí”. A liberação da Educação Física envolve um cuidado com contusões e, para os atletas, também uma oportunidade de evitar o contato físico com não atletas dentro de algumas modalidades, que dão oportunidade para, em uma jogada desleal ou maldosa, provocar uma contusão ou o estopim para discussões e brigas desnecessárias.

A pressão sentida na responsabilidade de permanecer na escola, segundo os atletas, estabelece um controle constante. Primeiro na obrigação de assinar uma presença na secretaria da escola e depois, no dever de evitar confusão, pois qualquer coisa que acontece a culpa é dos jogadores. Por isso, ficam no canto conversando entre eles, falam com alunos não atletas quando são procurados, conforme relata Carlos: “não fico caçando amigo”. O caçar confusão na escola significa que todos os atletas pagam juntos a punição. Os atletas reconhecem que arranjar confusão é mexer com os jovens do bairro, isto significa que “todo mundo (não-atletas) se conhece e depois não dá para comprar uma bolacha no mercado” (TIAGO). “Você tem que saber o que fala e com quem fala” (JOÃO). A pimenta desse caldeirão é a situação das meninas procurarem os jogadores, o que acaba gerando mais atrito com os não atletas (AS).

O jovem Carlos, durante a entrevista que acontecia quinta-feira à noite, fala que na cidade dele os amigos estariam “encomendando” a festa do final de semana, e ele, pelo contrário, estava se preparando para o jogo do sábado. As atividades que os jovens atletas realizam fora do clube, de acordo com eles, são o passeio no shopping, no cinema e raramente em baladas (afirmam gostar

muito, no entanto, o dinheiro nem sempre dá). A relação com o sexo oposto pode ser muito fácil para os jovens. Carlos diz ter “muita Maria Chuteira³⁴ aí, elas já tem sonho, já é quase profissional de carteira assinada, com sindicato e tudo mais”. A consciência do assédio das meninas é muito presente para os atletas. O SUP diz que não pode impedi-los de ter uma “namoradinha” e que cobram atenção para que não atrapalhe a carreira e o rendimento em campo.

A preparação permanente, presente no ascetismo atlético, envolve questões alimentares e nutricionais, evitando o consumo de determinados alimentos. O atleta Paulo fala que às vezes até comem escondido, pois não podem tomar refrigerante, comer fritura, comer lanches e etc. Acabam se privando de muitas coisas que outros jovens fazem com maior frequência. E encerra dizendo que: “muitas pessoas não sabem que esse é o preço que temos que pagar”.

O corpo de atleta, construído por meio de treinamento constante, também é carregado de sexualidade. Se o “corpo ferramenta” se estende para além do campo resguardado pelo ascetismo esportivo, ele ganha projeção como “corpo no social”. Sua representação de saúde e virilidade é exposta frequentemente. O futebol entendido como instituição faz parte da sociedade em que está inserido. No caso do Brasil, uma sociedade hierarquizada e carregada de preconceitos sobre aqueles considerados desviantes do padrão de normalidade. O futebol desenvolveu uma redoma fixada nas expressões de masculinidade. Por isso, as ofensas proferidas por jogadores e torcedores aos adversários geralmente remetem a um xingamento ao personagem materno ou a um possível desmerecimento em considerá-lo como homossexual. Para o SUP, é uma forma de agredir socialmente o adversário, procurando desestabilizá-lo denegrindo sua imagem. Entende que é um preconceito presente na sociedade e o futebol não está fora, acontece um reflexo do cotidiano. O jovem Carlos também acredita que o povo é preconceituoso, pois atribui a questões culturais sua validação. “O xingamento é um tapa na cara do adversário” (CARLOS). Após refletir sobre sua fala conclui que “vivemos em um mundo muito machista”.

Alguns temas são caros ao futebol e, no caso, o tabu sobre homossexualidade é guardado a sete chaves. O esporte de alto rendimento com sua técnica e tática, exalta valores de honra e virilidade encontrados no simbolismo de masculinidade. Os esportes e jogos viris representam uma ruptura com a figura materna, ou mais precisamente feminina. (BOURDIEU, 2011, p. 36). O simbolismo da masculinidade está em oposição à figura feminina ou sua representação. Esta lembrança se faz presente constantemente na comparação como “meninas” caso não haja virilidade e expressões de força física durante os treinamentos e jogos.

Todos os entrevistados conversaram sobre o tema homossexualidade, mas demonstraram certo desconforto. Todos alegaram que o meio do futebol não se exclui do cotidiano da sociedade,

³⁴ Termo utilizado para designar a mulher que procura relacionamento afetivo com jogadores de futebol por interesse econômico. O objetivo são os jogadores bem sucedidos na profissão, mas o termo parece percorrer a pirâmide salarial e achar espaço mesmo nas categorias de base.

mas afirmam não conhecerem casos. Na fala do SUP, “é possível identificar como em qualquer outro lugar”. Esta identificação já carrega um caráter de exclusão do desviante, assim entendido a atitude é de “blindar” o jovem, isto é, proteger de preconceitos que possam desencorajar sua formação na carreira. O PSI entende que a atitude de “blindar” o atleta deve ser percebida como preconceituosa, pois se evita a afirmação identitária do próprio sujeito. Na verdade, intensifica-se um trabalho voltado ao discurso que impeça chacotas, piadas e brincadeiras que façam referência à orientação sexual de outrem. O pensamento imediato é resguardar o relacionamento interno no grupo de jogadores. Dessa forma, mais que a preocupação no sujeito, o foco passa a ser de manutenção da ordem, ou melhor, de normalidade.

Para os quatro atletas entrevistados, Carlos, Tiago, João e Paulo, a presença de um homossexual assumido dentro do grupo traz um constrangimento para o convívio. Segundo os atletas, “é uma situação difícil, tem contato, a gente se veste junto, toma banho junto” (Carlos, 16 anos). O constrangimento passa por estar exposto a olhares. Um olhar para o qual a figura masculina não costuma receber. Para Bourdieu (2011), as trocas em que homem e mulher oferecem para avaliação no ser-percebido são distintas, enquanto no primeiro a aparência lhe é cara, a mulher tende a exaltar o corpo como linguagem de sedução.

A posição peculiar das mulheres no mercado de bens simbólicos explica o que há de mais essencial nas disposições femininas: se toda relação social é, sob certos aspectos, o lugar de troca no qual cada um oferece à avaliação seu aparecer sensível, é maior para a mulher que para o homem a parte que, em seu ser-percebido, compete ao corpo, reduzindo-o ao que se chama por vezes de o “físico” (potencialmente sexualizado), em relação à propriedade menos diretamente sensível, como a linguagem. Enquanto que, para os homens, a aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniformes etc.), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução. (BOURDIEU, 2011, p. 118)

O constrangimento dos jovens atletas pode ser entendido como o de ser observado não mais pela aparência dos signos sociais, mas o corpo nu sendo considerado semelhante ao da mulher, em linguagem de sedução e atração para o outro. Ao receber o olhar sobre o corpo considerado como linguagem de sedução, o constrangimento se faz em equiparar-se ao feminino, retomando a ligação com a figura materna. A “política do toque” dentro do futebol é concedida dentro de padrões de virilidade e masculinidade, os abraços demonstram agressividade e não sensibilidade, apertos de mãos firmes, e outras brincadeiras com conotação de embate de força. E dentro de uma ambivalência, esta “política do toque” também permite demonstrações de afeto e carinho que fora dele não seriam aceitas. No caso, beijos no rosto, o apalpar e deixar ser apalpado nas nádegas e o aceitar ser abraçado pelas costas. No entanto, este comportamento não é relacionado a homossexualidade, antes parece ressaltar uma relação pueril.

O olhar sobre o sexo oposto é muito presente e sem acanhamento, faz parte do processo de identidade com a masculinidade. Quando em grupo, todos os atletas devem lançar olhar sobre o corpo feminino, admirando demoradamente ou ficará sujeito a sanções dos colegas. “Ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão” (BOURDIEU, 2011, p. 63). Dessa forma, a dominação masculina se constrói no meio do futebol, moldando atitudes, ocultando os comportamentos desviantes e negando sua presença.

*

Ao pensarmos sobre a escola e a construção de um futebolista, novos elementos são atenuantes. O deslocamento ou rotatividade de atletas pelos clubes passa a ser um fator que incide diretamente sobre a escola. De acordo com a AS, faz com que os jovens não deem importância aos bancos escolares. A alta rotatividade serve como desestímulo ao aprendizado. Uma preocupação da AS é ter de renovar a matrícula escolar de jovens que não sabe se voltam no próximo ano.

O desânimo presente no banco da sala de aula de maneira prática envolve, segundo os atletas, o cansaço depois do treino, somado à correria para tomar banho e jantar, o que acaba provocando sonolência, de acordo com Paulo. Outro ponto de perda de ânimo envolve a estrutura escolar, sua hierarquia que exige disciplina, educação e nota. Como instituição, o ambiente escolar assemelha-se muito ao clube; as exigências de rendimento são similares, no entanto, o “corpo no social” e o “corpo ferramenta” são reprimidos em valorização da mente. Aparece um descompasso, como diz a AS, “a escola é distante do mundo que eles idealizam”. Um mundo prático em que a teoria está descolada da realidade vivida. Os atletas ou mesmo o estudante-trabalhador enfrentam tal dificuldade. A diferença se encontra no significado atribuído à escolarização que, no caso do estudante-trabalhador, espera beneficiar-se dos títulos galgando melhores postos de trabalho, já os atletas não encontram relação com o espetáculo produzido dentro do momento de lazer do trabalhador. Para os atletas, é um trabalho, eles reconhecem tal condição, mas a atividade desenvolvida não exige títulos, e sim uma técnica apurada.

Dessa maneira, a AS recorda que o rendimento dos meninos não é igual a dos outros que podem dedicar maior tempo ao estudo, eles se esforçam e conseguem cumprir as solicitações dos professores. Para a maioria dos meninos, conforme o PSI, a escola é uma obrigação a ser cumprida como requisito da formação. Os atletas, cuja estrutura familiar estimula o estudo, tendem a ter melhor rendimento escolar, o jovem passa a ser um exemplo extracampo. Infelizmente, o PSI ressalta que muitos atletas estudiosos não vingam no esporte, pois, na história dos esportistas de sucesso dentro do alto rendimento, a legislação e a escola não produziram o reconhecimento de

vitórias. Em suas palavras, a carreira requer a superação de barreiras que a legislação impõe, os limites interferem no desenvolvimento do atleta. O PSI segue comentando que atualmente os atletas demonstram muita superação em realizar as duas atividades em conjunto, o treinar e o ir à escola são mudanças que irão produzir frutos em médio prazo.

O sentido de obrigação se faz tão presente que o SUP relata uma situação pensada anteriormente para conter as faltas dos jovens à escola. No primeiro instante, pensou-se sobre um desconto financeiro no valor da bolsa recebida pelos atletas. A situação foi um “chute para fora”, os jovens em vez de se preocuparem com o desconto na bolsa, começaram a falar que pagavam para não ir à escola. Essa ocorrência se tornou tão notória que tiveram de mudar a estratégia. Atualmente, as faltas na escola, sem anuência do clube, são cobradas com sanções de participação em treinos, jogos e competições. Só assim, de acordo com SUP, os atletas passaram a desistir de faltar. “Precisamos tirar o que eles mais gostam” (SUP). Falta à escola impossibilita de continuar a treinar e jogar, isso faz com que os jovens frequentem a sala de aula com um objetivo à parte da conquista de escolarização, caracterizando uma obrigação a mais dentro do processo de formação na carreira. Por isso, o desabafo da AS quando diz que “precisamos melhorar o conceito de não ser necessário estudar no futebol”.

A escola realiza uma parceria com o Avaí desde 2004, e em 2009 houve a necessidade de “ajuste de condutas” por parte de todos. O PSI diz que o ajuste proporcionou uma melhor visualização no trabalho de integração entre o clube e a escola. Os meninos, nas palavras do SUP, têm saúde, energia e boa nutrição, suas condições físicas se encontram em plena juventude e desenvolvem uma atividade muito dinâmica. A educação e comportamento são trabalhados constantemente pelo clube para que, na escola, não aconteçam dificuldades por serem considerados os “meninos do Avaí”.

A AS fala que, no geral, os atletas são bem aceitos pelos professores, mas não nega casos de perseguição aos meninos. O atleta Paulo relata que alguns professores agem diferente com os jogadores, uns “pensam que você é rei e te tratam bem, outros acham que você é inferior e te colocam para baixo”. O SUP entende que o ocorrido não significa *bullying*, mas alguns professores pegam no pé. Como contrapartida, a escola (instituição) auxilia com um jogo de cintura interessante para o clube. Os profissionais da educação precisam aprender, segundo o PSI, que os atletas necessitam de flexibilização. Suas palavras revelam o desejo de expressar que esses jovens também são trabalhadores. Além disso, o PSI segue falando, eles não sabem se comportar plenamente em grupo, seguindo regras e códigos previstos pela escola. O espaço escolar é outro processo de formação, com outra sequência hierárquica à qual os atletas não estão adaptados. “Os profissionais da educação precisam estar capacitados para acolher os jovens e não bater de frente” (PSI). Sua preocupação está pautada no que muito se diz sobre uma violência contra a escola pautada no não

cumprimento de regras e condutas, no entanto, pouco se fala da violência praticada pela escola a seus alunos. O modelo de ensino tradicional frente à realidade da geração atual com sua multiculturalidade e multiconectividade provoca uma violência ao exigir a reprodução de conteúdos fechados e distantes do cotidiano dos alunos. O estudante-atleta passa a ser mais um grupo afetado pelo descompasso escolar.

A mudança esperada pelos profissionais envolvidos com a formação dos atletas em relação à escolarização dá os primeiros passos. Um objetivo associado à importância de título escolar está relacionado à situação de exposição na mídia por meio das entrevistas durante os jogos. Ou mesmo, na necessidade de saber ler um contrato de trabalho sem ser ludibriado por dirigentes e empresários.

Quanto mais aprendemos, mais ética e cultura, e assim você cresce. Um jogador não foi contratado (...), pois não falava bem na televisão. Muitos que não sabiam ler contrato foram passados para trás no passado. (Carlos, 16 anos)

Os jovens entendem a necessidade de aprender um pouco mais e reconhecem a oportunidade de cursos de informática oferecidos pelo clube. “Os cursos são importantes a qualquer momento tem que tá pronto, ter um segundo plano” (PAULO). Infelizmente, o reconhecimento que a escolarização recebe é vinculado ao discurso institucional. A importância está na sua função prática para o desempenho da atividade, e não no desenvolvimento como cidadão. A escola, quando não deixada de lado pelo processo de formação, mantém sua aproximação não passando de objetivação técnica para qualificação profissional.

Esse reflexo pode ser sentido no cumprimento da lei em relação às competições em que apenas é cobrado a matrícula do jovem e não seu desempenho escolar ou os projetos do clube nesse sentido. As orientações da CBF, conforme o PSI, levam para um discurso distinto da realidade praticada nos clubes. Fala-se muito de atletas que não vão à escola, da importância que a ela deve receber, mas não se valoriza em nenhum momento os que se esforçam para render nas duas atividades. As qualidades técnicas no esporte superam sempre o rendimento escolar. Por essa razão, a AS alega que “as pessoas precisam ter consciência da realidade, é preciso mostrar o outro lado das reportagens, mostrar os frustrados que ficam pelo caminho”.

4.4 - As jogadas ensaiadas: relatos do diário de campo

Embaixo de um setor das arquibancadas, ao portão sete, ficam as salas da comissão técnica, de musculação, vestiários e uma área de fisioterapia. Em um vão, que na verdade é o acesso ao portão, vejo uma pequena área para recreação, uma mesa de tênis de mesa onde os atletas podem se

divertir enquanto se preparam para o treino. Na parede do corredor, consta um painel de horários, uma organização da rotina no clube à vista de todos, com os horários de almoço e treinamento dos jovens e, para enfatizar a importância da escola, foi incluído, no calendário, o horário de aula para que não esqueçam. Nesse espaço, preparam-se e aguardam a ordem de ir ao campo de treino.

Em meu primeiro dia de observação dos atletas no clube, fiquei junto ao alambrado do campo de treinamento. Passei a maior parte do tempo observando os goleiros que estavam próximos do portão de acesso ao estádio. Um local de trânsito frequente, pois é passagem entre o estádio e os campos de treino. Foi possível observar que os jovens saíam fardados com a roupa de prática. Uma característica que chama atenção é o andar. Andam de tênis e levam a chuteira na mão ou embaixo do braço com um sentido de cuidado e atenção desse bem que parece precioso. As marcas mais reconhecidas de material esportivo são facilmente identificadas. Alguns andam de tênis, com raras exceções de chinelo, na maioria das vezes, arrastam o calcanhar no chão ou andam como se estivessem trotando quase como um balé seguem em passos ritmados. As conversas versam sobre o treinamento e o aperfeiçoamento da técnica, o rendimento dos colegas e até mesmo sobre o cardápio do almoço, momento em que um atleta chega a reclamar que seu atraso o fez perder a carne moída.

Permaneço próximo ao alambrado acompanhando o treinamento de goleiros, o qual consistia de repetições de bolas atrasadas por zagueiro, no qual precisavam realizar a reposição de maneira imediata a outro companheiro. Os membros da comissão técnica se revezavam em fazer a parte do zagueiro e do companheiro na lateral do campo. Simulavam uma situação de jogo e exigiam o domínio de bola e sua reposição (passe) com o pé direito e com o pé esquerdo. Percebo que um goleiro recebe menor cobrança, pois consegue executar os movimentos conforme solicitado. O outro, com dificuldades na perna esquerda por ser destro, durante todo o treinamento foi alvo de incentivos positivos e negativos. No início, a atenção era com palavras de incentivo e motivação, já no decorrer do treino, com a intensidade do exercício e o aumento de dificuldade, o incentivo transformou-se em provocação. A exigência era sempre lembrar sobre o momento de decisão, sua maturidade ou preparação para tomar a decisão certa. “Agora tem que decidir o que fazer, para depois colocar em prática com exatidão no jogo”, lembrava o preparador de goleiro exclamando: “Você não vai poder decidir na hora do jogo, tem que ser agora!” (Diário de Campo, 0012013). O sol estava quente e os jovens não paravam de tomar água, os exercícios se repetiam com séries de 10 alternando cada atleta. Nessa breve passagem lembrei-me de Wacquant (2002) que menciona as longas sessões de *sparring*³⁵ que são formas de internalizar as ações projetando a postura e atitude no ringue na hora da luta real. Nessa situação, o empenho dedicado ao **Esporte Futebol** fica claro, na necessidade de aperfeiçoamento constante da técnica e na tomada de decisões. Os erros futuros

³⁵ Treinamento com um oponente real no ringue, com o propósito de imitar as condições da luta, inclusive, as características do futuro oponente.

não são atribuídos ao acaso, são falhas que serão cobradas incisivamente durante a trajetória do jovem atleta, e muitas vezes será seu carma como reconhecimento de não excelência em determinado fundamento.

No espaço de treino, não se visualiza a imagem de jogadores – ídolos do passado ou presente – e mesmo imagens de corpos ou expressões futebolísticas. Talvez essa ausência se deva por ter já no “corpo ferramenta” do próprio atleta o objeto a ser trabalhado e comparado de maneira imediata. O campo de futebol com suas dimensões, marcações, traves, redes e bandeirinhas, produz os símbolos por si só do *ethos* de sangue, suor e lágrimas, ou a projeção de dom, amor e dinheiro (DAMO, 2008). A cultura do treinamento está tão incorporada que não há necessidade de visualização constante de modelos, o padrão está no campo bastando apenas empenho pessoal.

*

Em meados do mês de agosto, quando chego ao clube, logo identifico uma movimentação diferente. As equipes do sub-15 e sub-17 estão disputando partidas do Campeonato Catarinense, as respectivas equipes do Joinville FC são o adversário. O jogo do sub-15 se desenvolvia com a vitória parcial do Avaí por 1x0, com um gol de pênalti. Os trejeitos e cacoetes exibidos em jogos profissionais são assimilados na base, um exemplo foi na comemoração do gol convertido pelo Avaí, durante a qual os jogadores suplentes pulam as placas de publicidade para comemorar dentro de campo o gol. O festejar lembra a similitude/imitação do jogo profissional, a corrida, o olhar e os abraços são como um roteiro bem ensaiado. O ritual de início de partida, semelhante ao da equipe profissional, segue uma ordem de preparação e aquecimento muscular. As corridas, os piques, os alongamentos, os gritos de incentivo e motivação, a conversa em roda com braços dados, a reza do “Pai Nosso”, a tomada de lugar (sua configuração no espaço), seja no campo, seja no banco de suplentes, tudo faz parte de um rito que internaliza ações no agora e as projeta para o futuro. A experiência da base é uma pré-figuração do profissionalismo. As comemorações de gol são feitas repetindo sinais apontando para céu, que externaliza crenças, mas que se repete como cópias de momentos passados a que estão padronizados. Os lances de efeito são valorizados, assim como os momentos de demonstração de força e virilidade. Nos dois jogos não foram proferidas ofensas contra jogadores, um ideal de *fair play* reinou no ambiente.

*

Em outra tarde de observação, enquanto estive no portão de acesso dos atletas, os jovens do sub-11 eram recebidos e encaminhados para o campo 03. Algo destacado foi perceber que, ao

chegarem com o pai ou mãe, nenhum deles desembarcou de um carro popular, todos em carro que caracteriza o estrato social de pertencimento. O campo estava bastante encharcado e traziam os tênis e chuteiras para serem trocados no local, alguns colocaram camisetas térmicas para suportar o frio. Outros justificavam a ausência dos colegas devido ao período de provas na escola. Nesse grupo específico, nenhum dos jovens era negro ou mulato, predominava a cor branca e, ao fazer a comparação com as categorias de base sub-15 e sub-17 que realizavam treinamento ao lado, a situação se invertia. A predominância nas categorias maiores agora passava a ser de negros e mulatos. Esse fato caracteriza que a fase de iniciação até a categoria sub-13 não traz cobranças de rendimento e é muito mais relacionada à paixão pelo esporte e ao desejo de sua prática. Serve como uma escolinha para o **brincar de bola**. Nas categorias a partir da sub-15, a construção de uma carreira envolve o desapego de alguma situação, entre elas a família e a dedicação à escola, o que pode estar relacionado, na fácil identificação da cor dos atletas, predominante em um estrato social mais subalterno que passa a investir na profissionalização pelo futebol. Podemos relacionar com que Gilberto Velho (2013, p. 56) observa junto às camadas médias em que o sistema de escolarização e educação determina o tempo de dependência econômica e de permanência dos filhos na casa dos pais. Esse jovem de camadas médias demorará mais a ingressar no mercado de trabalho, ao contrario do jovem oriundo de camadas mais proletárias que deve sair mais cedo de casa e lutar por sua subsistência e/ou novas oportunidades.

*

No mês de setembro, enquanto aguardo o início do treinamento, observo e escuto as conversas e ações dos jovens atletas próximos aos vestiários e a sala da comissão técnica. Um atleta aparentando 17 anos, pois participa da categoria sub-17, se aproxima para olhar o gramado principal do estádio, e em seguida esbraveja por causa do frio. Exclama: “Oh! Cidade ruim”! Aproveito para brincar com ele, questionando se ele não é daqui (já sabendo a resposta). Ele responde que não, que agora chegou ao clube (um mês), não está acostumado com o frio, identifica-se como carioca de Niterói. Sua trajetória está carimbada por integrar as equipes do Flamengo/RJ, Vasco/RJ e Fluminense/RJ onde não foi aproveitado, por isso veio para o Avaí, mas o frio o perturba muito. Logo, ele me pergunta o que faço ali, se espero alguém? Digo-lhe que faço um trabalho acompanhando as categorias de base. Ele então me identifica como estagiário, procuro talvez engrandecer um pouco mais minha posição, mas parece se satisfazer com o termo estagiário da universidade. Cumprimentamo-nos e ele vai atrás dos colegas. Posso perceber que, além de distância da família e das relações sociais, outro fator que dificulta a adaptação de alguns jovens é o clima da região de origem frente ao da região sul do Brasil. Principalmente para os atletas do norte,

nordeste e sudeste. Lembro também de uma conversa com um membro da comissão técnica que falava sobre os jogadores do time profissional os quais, após os jogos, geralmente fazem tratamento na banheira com gelo para relaxamento da musculatura, no caso de alguns atletas, isso não era viável pelo risco de hipotermia.

Ao permanecer no acesso, após a conversa com o carioca, vejo que os atletas não jogam tênis de mesa. Cinco jovens com uma pequena bola de borracha, um pouco murcha, começam a fazer embaixadinhas e a troca de toque sem deixá-la cair no chão. A bola faz um barulho “tuc”, em cada toque dado, mas de repente o barulho muda para um “toc” seco, distinto que culmina com a queda da bola. Os gritos de reprovação ecoam: “só podia ser! Até o barulho na bola e diferente”! Pelas brincadeiras e gargalhadas um atleta da posição de zagueiro se integra ao grupo, segundo os colegas ele não é tão habilidoso o que faz quebrar a sequência deixando a bola cair. Mais uma vez brincam com ele: “tá vendo, por isso que zagueiro não ganha muito”! O comentário faz uma relação do salário com a posição do jogador em campo, tendo em vista que os mais habilidosos estão nas posições de ataque sendo mais valorizados pela *performance* dentro do jogo. Então só pelo barulho da bola que a cada toque fazia um som “tuc”, remetendo a uma habilidade e carinho (trato) com a bola, aqueles que, ao tocá-la produzissem um barulho seco “toc”, eram depreciados com o xingamento mais escutado de “gayzão”, assim como a referência a um suposto mau futebol atribuído à cidade de origem. Exemplo, quando um atleta cometeu o erro e foi questionado: “Em Aparecida é assim que se joga bola”? E várias risadas são ouvidas. Um momento de brincadeira e descontração em que o **Jogo Futebol** se dissemina por fissuras na rotina do **Esporte Futebol**, mas que não deixa de afirmar o padrão e modelo de perfeição excludente dos menos aptos ou habilidosos.

*

Na tarde em que me preparava para entrevistar os atletas, chego ao clube e ouço o barulho de apito no campo principal dentro do estádio. O time profissional realizava treinamento em preparação para o jogo de sábado à tarde. Apresento-me na recepção falando que tenho horário às 18 horas com a AS, pergunto se posso assistir ao treinamento. Entro e vou para as arquibancadas, há ali alguns poucos torcedores, mulheres que parecem ser companheiras dos jogadores e um fotógrafo que talvez trabalhe para um jornal local. Enquanto estive sentado respirando essa atmosfera futebolística, fiquei cuidando os jovens atletas que encerravam seu treinamento e se dirigiam ao vestiário. Todos passam olhando para dentro do campo, alguns ainda esperando um pouco mais se aproximam do alambrado (acrílico) apoiam as mãos, cabeça ou braço e observam demoradamente. Quem sabe talvez estejam imaginando que um dia estarão ali. Ou ainda pensando que ainda não

estão ali. Se a primeira fase de **brincar de bola** na rua, na escola e na várzea projeta um estar dentro da formação, agora o segundo momento de formação projeta o desejo de ser profissional. Lembrei do momento de limiaridade, não que possa aplicá-lo assim diretamente, mas esses jovens estão em um momento de suspensão entre o não ser nada no futebol e o ser tudo. Você é jogador e não é jogador. Socialmente você tem um reconhecimento e obrigações, um papel esperado de asceticismo atlético a desempenhar, mas profissionalmente ainda não é nada, pois o sonho não se concretizou. Mais uma vez, o alambrado marca os espaços, uma fronteira concreta e imaginária de um mundo único e também distinto.

*

O estádio do clube é cercado por muros altos. O lado entre o estádio e o alambrado do campo suplente é um dos poucos espaços onde não há publicidade com marca dos patrocinadores do clube. Este muro chama atenção por ter vários desenhos, pichações e grafite. Pelos temas, não parecem estar relacionados ao clube. Portanto, o executor/artista não demonstra ter vínculo com a instituição. No meio das várias imagens, um painel parece, para mim, fazer uma crítica ao ambiente. O desenho em minha interpretação capta uma crítica que acredito seja feita ao meio do futebol. Um painel muito inofensivo, mas que, para o olhar do pesquisador, com as informações coletas no campo de pesquisa, acabam projetando um sentido único como um retrato possível da realidade, uma interpretação se fez possível. Nele, há um jovem sentado com seu pijama, que também remete à roupa de presidiário, nas cores do clube azul e branco. Enquanto permanece sentado, é observado por vários rostos. Uma figura religiosa, a imagem de um anjo chorando o leite derramado, a figura de uma mulher em posição sensual, uma borboleta que se distancia, mais o rosto de uma figura feminina e outras masculinas. Talvez o artista não tivesse interesse de fazer relação alguma, mas, para mim, pelas coisas que analiso no contexto da formação de jogadores, me fez sentido, um exercício interpretativo. Mais uma vez digo que talvez não tenha sido a intenção do artista, mas para o pesquisador se fez uma janela relacional.

Figura 1: Grafite com Alegoria Relacionada à Formação no Mundo do Futebol



Fonte: Parede no Complexo do Campo do Avaí

As relações então pensadas refletem um pouco da carreira de jogador e os elementos do desenho, ilustrado na Figura 1, dizem respeito ao jovem em seu fardamento, que pode ser o de um sonho com o pijama, ou de um presidiário em trabalho forçado. O rosto de uma mulher lembra a figura materna e da família, a importância da religião atribuída por muitos atletas também se faz presente. A lembrança de uma arma significa ter deixado um caminho de vulnerabilidade e violência. O anjo chorando o leite derramado demonstra a própria condição do jovem pela opção feita, como não tendo mais volta, fica a lembrança de não perder tempo em reclamações e murmúrios, resta à dedicação e empenho constante. A fama e liberdade estão simbolizados na figura feminina em frente ao jovem, os prazeres da vida tão próximos. A borboleta que foge é como a inocência que se perde no meio futebolístico, a infância ou juventude, que precisa amadurecer rapidamente aprendendo os mecanismos de autodefesa e proteção. Por fim, o rosto de dois homens um jovem e outro velho, como lembrança de olheiros, empresários e dirigentes ou também uma reflexão sobre seus caminhos de sucesso no esporte com a permanente jovialidade e idolatria, e/ou a frustração marcada no rosto rancoroso. Aí está o jovem, a olhar um sonho ou uma realidade desconcertante, um pequeno painel que ganha significado ao conectar parte do cotidiano e da trajetória dos jovens atletas.

Outra inscrição no muro me fez pensar sobre um comentário feito pelo PSI em sua entrevista referente ao incentivo dado aos jovens. Sua conversa com os atletas deve levar sempre em conta um fator que dificulta o desempenho durante a formação, o estar longe de casa. Conforme suas palavras, alguns não têm a maturidade para aceitar plenamente a decisão da escolha da carreira e seu trabalho consiste em mostrar que a escolha foi feita e que agora não é hora de desistir. “Não adianta chorar pelo leite derramado!” Então ainda pensando nessa fala do PSI percebo no grafite

uma frase que se posiciona próximo ao portão de acesso dos atletas profissionais e das categorias de base. Um local por onde todos passam, como entalhado na soleira da porta de templos religiosos, a frase “100 choro, 100 vela” ressalta um significado dentro do momento de formação. Por sua estética, não aparenta ter sido feita pelo mesmo artista que usou o muro para os painéis desenhados. Talvez tenha sido feita em algum momento de protesto da torcida/torcedor em meio a alguma fase não muito boa do time profissional. O interessante é sua posição e as palavras intencionais. Sua localização é ao lado de dois portões de acesso dos atletas, isto é foi colocada propositalmente nesse lugar. Ao olhá-la, fiz imediata relação com a entrevista do PSI, a frase simbolizando que com o defunto morto não adianta mais chorar e rezar, de certa forma serve de lembrança aos atletas que a escolha feita na carreira agora deve ser vivida com dedicação e empenho, não adiantando lamentações.

Figura 2: 100 Choro, 100 Vela



Fonte: Registro Fotográfico do Autor.

Esta atitude com a formação é muito marcante, pois, na entrevista com os atletas, eles alegam, em vários momentos, o desejo de mostrar para as pessoas que aquilo que fazem não é brinquedo ou diversão. Se antes do primeiro alambrado o gostar de bola simbolizava a diversão, agora do outro lado se dedicam e se esforçam no aperfeiçoamento constante. Os atletas reconhecem a necessidade de muito trabalho, e de que precisam superar a distância da família e amigos, a frequência a festas, os encontros afetivo-sexuais, a dedicação à escola e as questões nutricionais que podem comprometer o projeto. Um caminho sem volta no qual o jovem é também levado por seu aceite a carreira e agora a responsabilidade que todos depositam nele. Portanto, “100 choro, 100 vela” significa um ascetismo esportivo que atribui responsabilidade pela escolha.

Realizei a caminhada do clube até a escola, em uma tarde ensolarada. O trajeto é percorrido pelos atletas e nos relatos do trabalho anterior (DA CONCEIÇÃO, 2013) atestavam ser possível realizar o percurso entre 10 e 15 minutos. Minha caminhada exploratória realizada de maneira lenta levou não mais que 8 minutos. A rua é estreita em relação a outras do bairro. Próximo ao clube em seu início, temos um restaurante, em seguida uma grande área de campo aberto com uma cerca de arame farpado. Pode ser visto também um anúncio de esteticista, uma loja de material de construção, outros anúncios de aulas de música e idiomas. As construções, como o bairro, são residenciais e bem cuidadas. No meio do percurso, uma Igreja Adventista pode ser visualizada assim como em uma rua paralela um local de reunião da Assembleia de Deus. Nesse trajeto, não parece haver pontos que possam “desviar” a atenção dos jovens até a escola, na verdade, ao entrar nela, ou você vai em direção à escola ou para a rua principal do bairro em sentido oposto.

Ao entrar pelo portão principal, observam-se as paredes da escola com diversos cartazes sobre promoções de produtos, banner sobre trabalho de conscientização a respeito de medicalização na escola, um cartaz convidando para peneira no Avaí no final do mês de Julho (passado) com inscrição no valor de R\$ 40,00. A escola se encontra em grande silêncio, embora todas as salas estejam com aula. Encontro o Diretor da escola e vamos conversar na sala do Apoio Pedagógico. Observo na sala alguns informativos sobre o calendário escolar, as mesas parecem organizadas e ordenadas conforme a documentação rotineira da escola, tudo parece estar no seu lugar. Atrás da mesa da Coordenadora Pedagógica, algumas fotos de possíveis familiares. Nas costas do diretor, consta um quadro composto de vários desenhos no tamanho de 10x10 centímetros com temas sobre Florianópolis/SC. Lá estão a ponte, a catedral, as praias e um campo de futebol aparece solitário entre trinta ou quarenta gravuras, mas ganha destaque por estar no centro do painel. A escola com toda relação com o futebol e outras modalidades como ciclismo e o judô não expõe imagens e gravuras sobre saúde, esporte, condicionamento físico ou qualidade de vida. Em nenhum momento parece se permitir beneficiar da experiência ou vivência dos jovens atletas. Este fato mostra a relação que mantém com os atletas, um conteúdo distante e pouco relacionado com a realidade dos alunos. Ao explorar melhor a condição técnica dos atletas, poderia ter maior proximidade com os indivíduos além de motivar a perspectiva futura em profissões ligadas ao esporte e reconhecidas pelos títulos acadêmicos. A mensagem passada aos jovens é um viver do esporte possível apenas como atleta de alto rendimento, descartando inúmeras funções e profissões dentro da indústria esportiva.

Em uma noite do mês de Setembro, apresento-me na secretaria da escola. Como está chovendo e ventando muito, sou encaminhado à sala dos professores. Dois deles descansam e fazem um lanche antes de começar as aulas. A televisão está ligada na novela das 18 horas. Uma professora chega para aquecer seu alimento e percebo que houve uma pausa na conversa com minha presença. O local é amplo com uma mesa grande no centro, alguns materiais estão colocados em cima da mesma, entre eles um catálogo do Avon. Vários armários com números e nomes, dois sofás para descanso onde os professores se encontram agora. Foi indicado falar com a professora de filosofia, fico sabendo que dentro em pouco ela chegará para a primeira aula. Pretendo falar sobre alguma oportunidade de estar em sala observando os atletas. Nas paredes da sala, alguns informativos e um pedido de rifa que tem como prêmio um relógio. No fundo da sala, um grande painel com a imagem de Santos Dumont e o 14 Bis. Nos armários, muitos calendários e informações da escola. Um computador permanece ligado, apenas uma máquina que deve ser compartilhada por todos. Um cheiro de pipoca de micro-ondas impregna o ambiente.

A professora de filosofia chega e sou apresentado a ela. A mesma se interessa pelo tema e diz ter trabalhado ética relacionando com o *fair play* durante o bimestre passado. Prontifica-se caso queira apresentar alguma proposta para intervenção em sala, digo que irei pensar. Enquanto ela fuma seu cigarro e toma o café, relata sua inquietação de procurar despertar no jovem novas perspectivas de futuro. Porém diz que eles são cegos para outras coisas, só pensam em futebol, ela percebe que são os de maior idade que estão às portas da profissionalização que ficam ainda focados no futebol. Fala que tentou trabalhar a questão de serem considerados mercadoria e como eles percebiam essa relação, mas não teve sucesso. A fala da professora traz uma realidade, pois o desejo de ascender socialmente e ter à disposição recursos e bens materiais traz uma imagem de mobilidade social, isto é, os atletas bem-sucedidos podem ser encarados como pertencentes à elite da sociedade. Na verdade, essa afirmação deve ser considerada como errônea, o fato de possuir recursos não os faz pertencer a um estrato social dominante. Os altos salários são produto ou resultado de uma relação proletária, toda sua formação converge para tal situação. A condição financeira possibilita a aquisição de bens, mas não a incorporação de códigos e *habitus* de classe. A condição financeira daqueles bem sucedidos no futebol não impede que empresários e dirigentes os negociem em empréstimos e vendas diversas como mercadoria, desempenham apenas o papel de trabalhadores assalariados e comprometidos com seu contrato. Uma situação assimétrica ao que é divulgado nos veículos midiáticos.

Uma noite, quando chego à secretaria, faço um breve relato dos meus propósitos à funcionária que não me conhecia, um jovem que aguardava na sala atentou para minha conversa, ao olhar para ele, faz questão de me cumprimentar marcando sua presença. O mesmo parece ser atleta, calça larga, agasalho e moletom com capuz, fones de ouvido e o cabelo completam o estereótipo. Constato que ele aguardava para assinar o livro de presença específico para os atletas. A parceria da escola com o clube se inicia em 2004, e em 2009, ganha um novo contorno visando ajustar procedimentos dos atletas. Um deles foi definir um livro de presença na secretaria da escola que é assinado na chegada. Independente da chamada em sala, todos os atletas têm o controle de seus corpos feito por esta listagem (DA CONCEIÇÃO, 2013). Fico sentado em um banco de alvenaria ao lado da porta da biblioteca. Desse lugar, consigo ter uma visão panorâmica do pátio central e das salas.

Os atletas vão chegando e se dirigem primeiro à secretaria, e logo se deslocam para suas salas. Alguns trocam cumprimentos, vão sozinhos para sala de aula ou em grupos de até quatro atletas. Os alunos se posicionam na frente das portas aguardando os professores. Para distinguir os atletas até parece tarefa simples, devido aos cabelos e ao andar (símbolos corporais). Outro ponto que chama minha atenção são as características físicas em comparação aos outros alunos da escola.

Um atleta passa pelo outro e pergunta em voz alta: “E a caganeira”? Como seu amigo não atende lhe pergunta ainda mais alto. A frase, no contexto escolar, me espanta por não virar chacota de outros alunos, nenhum riso é visível. Parece que apenas eles conversavam em um corredor vazio. Fico realmente surpreso quanto à situação, mas pensando na entrevista dos quatro atletas parece marcar parte da tensão existente no espaço. O atleta goiano (CARLOS) alegou que existe um ranço entre atletas e não atletas. Os não atletas são os estabelecidos, moradores da capital e da comunidade, os atletas são os *outsiders* vindos de fora. O status de jogador faz os atletas receberem atenção de meninas o que deixa os não atletas enciumados. Uma atitude para se resguardar de provocações é a permanente vigilância dos atletas e a coesão de pertencer a um grupo distinto. Os atletas pouco interagem com não atletas. Uma tensão constante pode ser percebida em outra noite. Enquanto realizava minhas anotações observando o intervalo/recreio, um fato interessante aconteceu:

Estamos quase no horário do intervalo e as turmas são liberadas pouco a pouco antes do sinal. “Quero comida nessa porra! Tô com fome!” Diz uma jovem ao sair 10 minutos antes para o intervalo. As merendeiras se põem em prontidão e a fila começa a se formar, mas, antes do sinal de intervalo, nada é liberado. Um atleta que entrevistei, o JOÃO, está xavecando uma colega de sala. Depois de alguns instantes me identifica e cumprimenta a distância. Os atletas se agrupam, diferente dos estudantes trabalhadores e outros que procuram fazer uma fila no refeitório. O pseudo silêncio é quebrado com a liberação paulatina das turmas. Ouve-se um grito, um jovem fala para o outro: “Já tá com o copo na mão, filho da puta”! O pátio através desse exemplo tem muitos ruídos, percebo que na fila do lanche não tem

atletas. Eles se concentram na porta de suas salas olhando para o centro do pátio. A janta é um copo de leite, um pão de sanduíche e maçã, alguns não atletas parecem reprovar, mas o aceitam. Agora vejo 3 atletas tomando leite. A afirmação dos atletas durante a entrevista parece ser confirmada, pois permanecem em um grupo distinto dos outros alunos. Um fato importante é que a distinção fica evidente por não ter meninas junto a eles. Os outros grupos são mais diversificados, já os atletas apenas circulam nos seus grupos de afinidade. Agora mais três atletas buscam o lanche. Eles só foram para fila após ter pouco ou nenhum aluno. Algo que me chama atenção é os outros alunos ocuparem o centro do pátio, suas mesas e bancos, já os atletas ficam na periferia em frente à porta das salas observando as brincadeiras no centro. Nesse instante, começa uma brincadeira com resto de maçã, dois jovens jogam um no outro alvoroçando a todos. Como estou sentado próximo à biblioteca, um deles após lançar a maçã no outro corre e senta-se ao meu lado. Ele dá risadas, todos ficam espantados com a cena. O amigo não investe em revidar o lançamento anterior inibido com minha figura de escudo. Em um breve instante, o jovem que se protegia ao meu lado corre e fica ao lado de um dos grupos de atletas. A mesma postura do outro aluno “ferido” se produz. Ele não ousa lançar a maçã, seu colega se aproveita usando os atletas como escudo. Mais que a surpresa de não querer jogar a maçã, o fato chama atenção pelo motivo daquele que busca proteção procurá-la em mim ou nos atletas indivíduos separados da brincadeira e também das afinidades. (DIÁRIO DE CAMPO, 0112013)

O pesquisador e os atletas foram colocados naquele momento no mesmo patamar de intocáveis. Um exemplo de como o espaço escolar guarda uma tensão frente aos atletas. Nas palavras dos jovens, evitam situações para não comprometer seu vínculo com o clube de futebol.

Essa mesma situação foi observada em outro momento quando da aula de Educação Física de uma turma do segundo ano. O professor chamou os alunos para aula na quadra, onde foram jogar vôlei (registro que foram jogar no escuro, já era noite e sem iluminação). Ao chamar os alunos não se dirigiu aos atletas, nesse acordo tácito os atletas então ocuparam o centro do pátio em volta de uma mesa de tênis de mesa. Estavam oito jovens, acredito todos fossem atletas, o que representava mais ou menos 25 a 30% da turma. O professor nem se dirigiu a eles em nenhum momento, os dois grupos mantiveram distanciamento. A ocupação da mesa de tênis de mesa no centro do pátio foi um dos poucos registros em que atletas se mantiveram no centro do espaço escolar. No geral a postura é de se manter em zonas periféricas independente do tempo matriculado na escola, os atletas antigos e os novos cultivam o mesmo comportamento.

Durante a “Oficina Papo Sério”, realizada pelo NIGS a mesma impressão foi constatada, os jovens atletas permanecem no fundo da sala de aula, todos muito próximos, conversando entre si, e pouco participantes quando convidados. No grupo, sempre um colega mais desinibido assume a função de interagir com piadas e comportamentos jocosos. Mais uma vez a constatação de conteúdo estar distante dos jovens se consolida com as relações dentro do espaço escolar que também refletem o distanciamento. Existe a necessidade de domínio pleno dos comportamentos e ações para permanecer na formação como atleta. Além do treinamento e as exigências físicas e corporais para aperfeiçoamento do rendimento no clube, fatores relacionais e cognitivos no pequeno espaço-tempo da escola, um local teoricamente neutro e propício para interação social, os jovens estão imbuídos

de manter uma postura vigilante. A máscara do personagem de jogador de futebol não é trocada nesse ambiente. No pensamento de Gilberto Velho, os papéis sociais permitem um potencial de metamorfose (VELHO, 1997, p. 82) gerando uma adaptação aos espaços e hierarquias durante a passagem entre as esferas de significados. No caso dos jovens, enquanto na intersecção entre clube e escola, não podem exercer esta característica, a máscara de atleta sobrepuja a de aluno. Na escola, o reconhecimento do atleta deixa em latência seu papel na hierarquia escolar limitando seu potencial de metamorfose. Sua estada se vincula ao acordo de parceria em que os jovens encarados como atletas recebem tratamento especial (flexibilização) e pouco contribuem para comunidade escolar. A escola acaba por reproduzir uma condição de mercadoria ao estudante-atleta.

O esforço para vencer os desafios da formação faz com que os mais aptos atinjam o objetivo. Wacquant (2002) descreve as atitudes encontradas em pugilistas que são agora facilmente identificadas em futebolistas.

É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. (WACQUANT, 2002, p. 62)

O ascetismo físico e mental marca os indivíduos mais bem preparados para suportar as agruras de uma jornada intensa. De acordo com o PSI, o termo resiliência ganha significado por comportar a atitude necessária para superação dos desafios impostos na árdua e extenuante carreira.

Capítulo 5 - Debate pós-jogo: conclusão

O trabalho procurou ser uma síntese do conhecimento apreendido durante a graduação, como demonstração metodológica e de articulação com a teoria. O tema, seu recorte e as categorias utilizadas representam parte da formação adquirida no período. A proposta partiu da análise do estudante-atleta com ênfase na sua formação esportiva. Pretendo seguir no tema e, na sequência, em próximo trabalho, deslocar o olhar para a formação escolar e as implicações do espaço da sala de aula.

Nesta pesquisa, a ambiguidade presente no futebol entre o **brincar de bola** e o **jogar bola** ganha contornos reveladores dos momentos distintos que também representam o **Jogo Futebol** e o **Esporte Futebol**. O destaque concentra-se no quanto o desejo de **brincar de bola** passa a ser canalizado para um projeto familiar com o objetivo de superação do primeiro alambrado, o de inserção na formação futebolística. À medida que inicia seu percurso na carreira, o **brincar de bola** dá lugar ao **jogar bola**, ou melhor, assume a responsabilidade pela escolha do **Esporte Futebol**.

As exigências da carreira promovem separação e rupturas, a primeira dos laços familiares com o distanciamento do jovem de sua casa. Esse processo leva a outras escolhas e desistências, principalmente quando o campo de possibilidades dentro da carreira se cristaliza rumo à profissionalização. Entre as desistências que se opta por fazer esta a escola, outra instituição deixada de lado.

O processo sócio-histórico da educação brasileira favoreceu a consolidação de um sentido de distanciamento com a escola e seu conteúdo. A construção histórica do *ethos* futebolístico no Brasil incorporou um tipo ideal de atleta, sua imagem e representação foi multidimensionada pelos meios de comunicação de massa. A aceitação de uma origem suburbana e o reconhecimento de características corporais condizentes com a prática são condições que, no senso comum, bastam para o êxito no esporte. Os jogadores que atingem o estelato de ídolos tornam-se o modelo para uma legião de jovens que buscam no futebol diversão e conseqüentemente uma profissão bem remunerada. Infelizmente, ao contrário do que comumente se vincula, poucos atingem esse status. Vários se perdem pelo caminho e outros poucos se submetem a inexpressivos clubes e conseqüentemente salários.

Essas são as possibilidades no final da jornada, no entanto, a trajetória de formação está requerendo de famílias e jovens, dedicação, empenho, sacrifícios, disciplina, privação e esforço constante no presente. A ambiguidade entre o **Jogo Futebol** e o **Esporte Futebol** se faz presente como uma gangorra constante, nos altos e baixos, nas alegrias e tristezas, nas saudades representadas no desejo de desistência e na responsabilidade de permanecer para dar certo. Um meio permeado por relações de mercado em que os atletas, embora com papéis sociais de filho,

estudante e atleta, fixam a máscara de jogador, estendendo-a para fora do campo de prática. Nesse instante, o seu “corpo no social” se confunde com o “corpo ferramenta” estimulado ao alto rendimento e privado de ações cotidianas como a de outros jovens. Mesmo as amizades são regradadas pela responsabilidade de manter uma condição condizente com o esperado para um atleta em formação. As tensões vivenciadas pelos jovens atletas no clube e na escola exigem uma resiliência capaz de superar os obstáculos internos à formação.

A superação do primeiro alambrado traz aos jovens e familiares a esperança de conquista futura. O segundo alambrado, da profissionalização, se faz ainda mais difícil e restrito para os atletas, os anos de treinamento podem virar frustração se os vários elementos envolvidos na superação do alambrado não estiverem bem-ordenados dentro da projeção de carreira.

Pode-se pensar na palavra separação como significativa ao momento de formação esportiva. Seus sinônimos de afastar, apartar e isolar podem ser percebidos durante a construção de um jogador profissional. Essa relação de sempre escolher, separando-se de algo, faz parte das exigências de um mercado cada vez mais competitivo. As mudanças deverão acontecer a médio e longo prazo, quando as ideias de constituição de atletas também mudarem. Esta última frase traz um pessimismo talvez de caráter pós-moderno, mas com a experiência do campo, o descompasso com o esperado e o vivido ainda demanda maior interesse.

O tema não se esgota neste trabalho, na verdade, abre mais portas para outros questionamentos. Novas perguntas movem o interesse por respostas para entendimento das ações dos sujeitos em prol de seus projetos no mundo esportivo do futebol. Procurando, assim, conhecer melhor o futebol por dentro de seus significados e não só pela simples leitura de notícias de jornais e revistas (WISNIK, 2008, p. 11).

Referência Bibliográfica

BALZANO, Otávio N.; MORAIS, Jannaina Sousa. **A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola**. Revista Digital, Buenos Aires, Año 17, Nº 172, Septiembre, 2012. Disponível em: www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm. Acesso em: 14 dez. 2013.

BARRETO, P. H. G. **Flexibilização Escolar a Atletas em Formação Alojados em Centros de Treinamento no Futebol: Um Estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo**. (Dissertação de Mestrado). Vitória: PPGF/UFES, 2012.

BARTHOLO, Thiago Lisboa et al. **Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. e 4, 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. 2012. Disponível em: www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index. Acesso em: 20 jan.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida a crédito: conversas com Citlali Rovirosa-Madrazo**. RJ: Zahar, 2010.

BENEDICT, Ruth. A ciência do costume. In:___ PIERSON, Donald. **Estudos de organização social** – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social. SP: Martins, 1970. p. 497-513.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. RJ: Bertrand Brasil. 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Los herederos: los estudiantes y la cultura**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Argentina, 2009.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

COSTA, F. R. da. **A Escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2012.

DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado. **O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e profissionalização futebolística em Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Rocco, 1997.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre futebol brasileiro. In:____. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. RJ: Pinakothke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, V. 23, nº 66, p. 139-209, fev. 2008.

DURKHEIM, Émile. A educação, a sua natureza e o seu papel. In:____. **Educação e Sociologia**. Lisboa: Ed. 70, 2001.

GALEANO, Eduardo. **El futbol: a sol y sombra y otros escritos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1995.

GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In:____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In:____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

GOFFMAN, Erving. **La presentación de la persona em la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In:____. DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. RJ: Pinakotheke, 1982. p. 59-74.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. SP: Contexto, 2009.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

HELAL, Renato. **O que é Sociologia do Esporte**. SP: Editora Brasiliense, 1990.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Antropología del dolor**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1999.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Aprendizaje Situado: participación periférica legítima**. New York: Cambridge University Press, 1991.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In:____. **Sociologia e antropologia**. SP: Cosac Naify, 2003. p. 399 – 423.

MELO, L. B. S. de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2010.

MOITA, M. **Um percurso de sucesso na formação de jogadores em futebol**. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2008.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. **Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2. sem. 2006

RIAL, Carmen. **Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiro no exterior**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p.21-65, dez. 2008.

RIBEIRO, André. **O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva**. RJ: Gryphus, 1999.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. **Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador, Anais... Salvador, 2009, p. 1-11. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/1000/817>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola**. Florianópolis: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 4, out/dez, 2011. p. 905-921

VASCONCELLOS, Douglas W. de. O Brasil, o esporte e sua (sub) utilização como instrumento de promoção e política externa. In:____. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Alexandre de Gusmão, 2011. p. 183-208.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. RJ: Zahar, 1997.

_____. **Projeto e Metamorfose**. Antropologia das Sociedades Complexas. RJ: Zahar, 1999.

_____. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. RJ: Zahar, 2013.

WACQUANT, Loic J. D. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. RJ: Relume Dumará, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. SP: Companhia das Letras, 2008.

ZALUAR, Alba. Esporte como lazer; Esporte como Pedagogia; Esporte como saída profissional. In: _____. **Cidadãos não vão ao paraíso**. SP: Ed. Escuta; Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1994. p. 59-97.

Anexos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Graduando - Daniel Machado da Conceição

Orientadora- Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Título - Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol, entre o vestiário e o banco escolar.

Data - _____; Local - _____; N^o - _____;

Bloco I – Trajetória familiar

- 1- Onde você nasceu? Sua idade?
- 2- O que fazem seus pais?
- 3- Seus pais estudaram até que ano?
- 4- Quantos irmãos você tem?
- 5- Seus pais vivem juntos? Quem mora na sua casa? (pais, irmãos, outros parentes....)
- 6- O que significa para você família?

Bloco II – Trajetória no futebol

- 7- Posição? Suas características como jogador?
- 8- Até o momento o que mais te marcou no futebol? (Competição, evento, teste, proposta e etc..)
- 9- Quando começou a jogar bola? Quando passou a ser federado?
- 10- Por que o futebol?
- 11- No início já tinha o desejo de ser profissional? Quem o incentivou?
- 12- Em que momento ou quando você teve certeza que esse era o caminho a seguir?

Bloco III- Construindo o habitus de jogador

- 13- Para você qual a diferença entre *brincar de bola* e *jogar bola*?
- 14- Trabalho? Escola? Treino? Competição?
- 15- Como é treinar? Quando um treino pode ser entendido como bom? O que faz um treino ser ruim?

Bloco IV - O Corpo no futebol

- 16- Você sente dores? Como faz para suportar? O que é a dor?
- 17- O que você faz após um treinamento? (Massagem, banho e etc..) Utiliza produtos especiais para o corpo ou para musculatura? Tem algum tratamento “mágico” que todo mundo faz?
- 18- Como você realiza o descanso de um treino para outro? Como usar o corpo sem gastá-lo?
- 19- O que você deixa de fazer pelo futebol? O que gostaria de comer e não pode? Existe algo que durante o treinamento ou preparação para uma competição você deixa de fazer?
- 20- Já se contundiu seriamente? O que/como foi? O que fez enquanto se recuperava? O que pensava nesse período?

Bloco V – Escola e Projeto de Vida

- 21- O que você aprende com o futebol? Que coisas são importantes para sua vida?
- 22- Onde você estaria agora se não tivesse encontrado o futebol?
- 23- Você está estudando? Em que ano da escola você está? Como era a escola que frequentava antes do futebol? O que se lembra dela?
- 24- Atualmente como é a escola?
- 25- Quando perguntei sobre escola você disse:_____. O que quer dizer?
- 26- Para você quais as características de um aluno ideal para escola?

- 27-** Como é depois de um dia ou período de treinamento ir a escola? Por que você vai?
- 28-** Na escola quem são os seus amigos? E amigas?
- 29-** Qual o espaço ou período na escola você gosta mais?
- 30-** Como é o tratamento dos professores? As disciplinas são importantes? Alguma que você goste mais? Por quê?
- 31-** O que a escola exige de você? Os professores passam tarefa? Como e quando você estuda para as aulas? No clube você tem espaço para estudar? Seus companheiros ajudam quando tem que estudar?
- 32-** Como são as provas e trabalhos? Você acha fácil ou difícil? Por quê?
- 33-** Se a prioridade não fosse o futebol você estaria na mesma escola em sua cidade?
- 34-** Pretende continuar estudando como jogador profissional? O estudo pode influenciar o quanto pode ganhar no futebol ou onde pode chegar?
- 35-** Você faz algum curso extra fora da escola? Por quê?
- 36-** Qual salário pretende ganhar jogando futebol? Caso, não se profissionalize, qual a faixa de salário acha que pode receber no mercado de trabalho? Em que profissão?

Bloco VI - Lazer

- 37-** Quando não está no clube e na escola você gosta de fazer o quê?
- 38-** Quais os locais que os atletas costumam ir?

Bloco VII - Masculinidade

- 39-** Para você por que a primeira ofensa da torcida a um jogador é chamá-lo de “bixa”?
- 40-** O Emerson ‘Sheik’ postou recentemente uma foto de um selinho em outro homem. E disse que o futebol tem que parar de frescura. O que acha da atitude dele?
- 41-** Você acha que o futebol é 100% masculino?
- 42-** Como você e outros atletas identificam um homossexual?
- 43-** Você já conheceu homossexuais no futebol? Nas categorias de base ou profissional? O que muda (no treino, casa, escola, vestiário, jogo) quando é identificado alguém como homossexual?